

Revista Adventista

Ano 76 · Nº 816 · €1,90

Maio 2015

UMA LEITURA
INOVADORA DE
UM TEXTO BEM
CONHECIDO

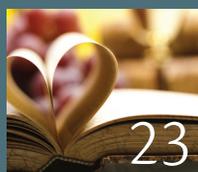
Zigurates, montanhas e a pedra



**O MINISTÉRIO DA
LITERATURA NA
IGREJA DE HOJE**

Dar ou não dar?

06



**A REALIDADE DA
EXISTÊNCIA DE DEUS**

Porque há algo em vez de nada?

23



**MICHAEL BELINA
CZECHOWSKI
(PARTE I)**

O missionário rebelde.

33



Crianças Saudáveis = Crianças Felizes

5

Segredos de Bem-estar

As últimas décadas têm sido marcadas pelo aumento do excesso de peso e da obesidade entre as crianças. Isto coloca-as em risco de, mais tarde, desenvolverem doenças crónicas.

Muitas crianças ingerem demasiadas calorias, como a gordura, o açúcar e os alimentos processados. Também passam tempo de mais em frente a ecrãs. Toda esta negatividade influencia a sua saúde, física e mental. Para gerir melhor o peso, as crianças devem dormir o suficiente e ter, pelo menos, uma hora de atividade física por dia. Além disso, devem ter uma alimentação rica

em frutas, vegetais e cereais integrais, sendo a água a bebida principal. Como pais, ajudem os vossos filhos a formar bons hábitos de saúde, dando o exemplo! 🍎

Pode começar hoje!

www.secretsofwellness.org



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

150 ANOS

DE PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUEROVIVER MAIS



Dra. Ana Buongiorno
Médica
Florença, Itália

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



23

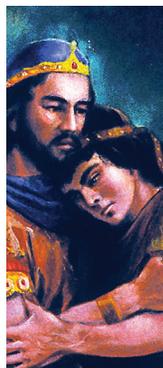


ESPÍRITO DE PROFECIA

16

Quando a profetiza fica em silêncio

O apelo do presidente da Conferência Geral não trouxe o desejado testemunho do Espírito de Profecia.



BÍBLIA

30

A beneficência de Deus

O que nos diz a história de Mefiboseth sobre a graça de Deus?



ARQUEOLOGIA

24

Antigo ostrakon registra as deambulações da Arca da Aliança

Uma prova arqueológica da veracidade histórica de I Samuel 4.

04 A IMPORTÂNCIA DAS PROFECIAS

EDITORIAL

05 MEMO

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

21 NOTÍCIAS NACIONAIS

29 TER E NÃO TER

ESPAÇO JUVENIL

06 O MINISTÉRIO DA LITERATURA NA IGREJA DE HOJE

 > EVANGELISMO
O ministério da literatura contemporâneo pretende empenhar todos os crentes que são membros da Igreja.

10 ZIGURATES, MONTANHAS E A PEDRA

 > ARTIGO DE FUNDO
O livro de Daniel foi escrito no século VI a.C., um tempo de grande perplexidade para o povo de Deus.

14 POR QUE RAZÃO DISSE DEUS QUE OS PATRIARCAS NÃO O CO-NHECIAM SOB O NOME YAHWEH?

 > INTERPRETANDO AS ESCRITURAS
Uma leitura superficial de Êxodo 6:3 poderia sugerir que o nome *Yahweh* não era familiar aos patriarcas.

23 A REALIDADE DA EXISTÊNCIA DE DEUS

 > REFLEXÃO
“Eu vejo a realidade da existência de Deus por todo o lado.”

33 MICHAEL BELINA CZECHOWSKI (PARTE I)

 > HERANÇA ADVENTISTA
Foi Czechowski um rebelde obstinado ou um herói nacional polaco que também era Adventista do Sétimo Dia?



A importância das profecias

“Nã o povo se corrompe; mas bem-aventurado é o que guarda a lei” (Provérbios 29:18). Podemos encontrar na Bíblia inúmeras profecias. Designa-se por “profecia” o relato de um acontecimento que terá lugar no futuro. As profecias encontradas na Bíblia Sagrada deveriam ser uma referência no desenvolvimento da vida espiritual do crente Adventista. A interpretação Adventista das profecias bíblicas de Daniel e de Apocalipse teve duas importantes consequências: em primeiro lugar, o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia como a Igreja do tempo do fim e, em segundo lugar, um melhor conhecimento dos eventos finais da história da Terra. Por exemplo, é maravilhoso quando, depois de estudarmos o segundo capítulo do livro de Daniel, compreendemos a mensagem que Deus nos deixou desde aquele tempo até aos nossos dias. Não é apenas uma mensagem sobre sucessivos acontecimentos bélicos e políticos, mas é uma mensagem poderosa e despertadora para aqueles que querem conhecer melhor Deus. Na Sua infinita sabedoria, Deus representou através de uma estátua metálica a história da Humanidade desde a época de Babi-

lónia (603 a.C.) até aos eventos finais. Quem poderia ter tal inteligência? Quem poderia tão prontamente desafiar o conhecimento humano e mostrar como tudo iria acontecer? Só Deus o poderia ter feito. Deus fê-lo por amor a cada ser humano, cativando-o para o Seu reino. O estudo das profecias foi o que nos tornou no que somos hoje, quer coletivamente, como Igreja, quer individualmente, como Cristãos. Não dar a devida importância às profecias nos dias de hoje é permitir que a fé vacile e a dúvida surja no nosso coração. Lembremos o que diz a Bíblia: “Não havendo profecia, o povo se corrompe.” A profecia funciona também como o antídoto contra a corrupção espiritual.

A irmã White salientou a importância do estudo das profecias quando escreveu o seguinte: “Quando os livros de Daniel e de Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o caráter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração” (*Testemunho para Ministros*, p. 113).

As profecias são como uma luz que ilumina no meio da escuridão até que a Estrela da Alva, Jesus, Se erga no nosso coração. O cumprimento das mesmas garante-nos que Deus está ao leme dos acontecimentos e que, em breve, chegaremos ao fim da jornada. As profecias não devem ser usadas para especulação, mas para conduzir o povo de Deus ao aprisco.

O apóstolo Paulo deixou-nos um conselho: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias” (I Tessalonicenses 5:19 e 20). Também o apóstolo Pedro deixou escrito que “temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:19-21). Estudemos, pois, as profecias e seremos Cristãos mais fortes e mais sólidos. ✨

· **Pr. António Rodrigues**,
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

maio

01-10	Campanha Nacional da ADRA
03	Conselho Nacional de Educação
16 e 17	Escola de Formação JA Nível 1 Norte e Centro
16-23	Campanha de Evangelização Nacional
23 e 24	Escola de Formação JA Nível 1 Lisboa e Alentejo

junho

05-07	Colóquio sobre a violência na R. E. Norte
06	Dia dos Cursos por Correspondência
07-12	Semana de Formação JA para pastores
13	Dia Internacional dos Ministérios da Mulher
14	Excursão dos 60+
20	Halal Festival
28/06 - -03/07	Formação para pastores
28/06 - -31/07	Projeto de Colportagem Jovem

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

maio

04-08	Publicadora Safeliz (EUD)
11-15	Universidade Adventista de França (EUD)
18-22	Associação da Hansa (NGU)
25-29	Seminário Teológico de Sagunto (SPU)

junho

01-05	Associação da Suíça Franco-italiana (SU)
08-12	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
15-19	União Espanhola (SpU)
22-26	Associação do Norte da Transilvânia (RU)

ANTENA 1   RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

18/05	Segunda-feira
15/06	Quarta-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

10/05	Domingo
28/06	Domingo

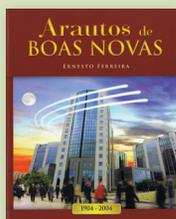


BANCO DE LEITURA

Arautos de Boas Novas

Ernesto Ferreira

Em 2004, comemoraram-se os cem anos da implantação da Igreja Adventista do Sétimo Dia no nosso país. Não querendo deixar passar em claro esta efeméride, os líderes da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo



Dia pediram ao Pr. Ernesto Ferreira que escrevesse uma história da nossa Igreja em Portugal. O idoso pastor Ferreira aceitou o desafio, e assim nasceu o livro *Arautos de Boas Novas*. Este livro está dividido em nove partes: (1) Introdução; (2) Os Pioneiros; (3) Trajetória do Centenário; (4) Missões da UPASD; (5) Departamentos e Evangelismo Público;

(6) Associações; (7) Instituições e Serviços; (8) Roteiro Histórico das Igrejas e Grupos; e (9) Epílogo. Sendo todas estas partes interessantes e instrutivas, há que destacar as secções sobre os *Pioneiros*, sobre a *Trajectoria do Centenário*, sobre as *Missões da UPASD* e sobre os *Departamentos e Evangelismo Público*. Na secção sobre os Pioneiros, acompanhamos a vida e a missão da família Rentfro, a família missionária que fundou a obra Adventista em Portugal. Na secção sobre a Trajetória do Centenário, seguimos o percurso histórico da nossa Igreja em Portugal, do ponto de vista das sucessivas presidências que orientaram o campo português. A secção sobre as Missões da UPASD relata a história do desenvolvimento do Adventismo na Madeira, nos Açores, em São Tomé e Príncipe, em Cabo Verde e na Guiné. Na secção sobre os Departamentos e o Evangelismo Público é contada a história dos vários Departamentos do campo português, desde o Departamento da Escola Sabatina ao Departamento dos Ministérios da Criança. Assim, neste livro, o Pr. Ernesto Ferreira esforçou-se para não deixar de lado nenhum facto relevante para a compreensão da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no nosso país. Para além de conter uma prosa de fácil leitura, o livro é ainda profusamente ilustrado com fotografias da época. Embora tenha 790 páginas, esta obra merece ser lida. Sobretudo se o caro Leitor tem um vivo interesse no florescimento do movimento Adventista em Portugal. Na verdade, para planearmos e criarmos o futuro na e da Igreja que amamos, devemos estar bem firmes no conhecimento do que os nossos maiores fizeram antes de nós. Sabendo com toda a certeza de onde vimos, poderemos com mais acerto saber para onde vamos. Este é o grande mérito do livro *Arautos de Boas Novas*. Por isso, aconselho vivamente a sua leitura. ✍

Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

A photograph showing a person in a beige suit handing a small booklet to another person outdoors. The background is a blurred residential area with houses and greenery. The booklet has a colorful cover with the text 'Lide Bem-Estar' and 'Caminhos para a Liberdade e a Vida'.

O ministério da literatura na Igreja de hoje

Dar ou não dar? A pergunta apresentava-se continuamente à mente de Nancy¹ enquanto ela viajava de autocarro em Phoenix, Arizona. Sendo uma Adventista leiga, Nancy tinha consigo alguns pequenos folhetos bíblicos e sentia uma desconfortável convicção de que deveria dar um folheto ao

homem que estava sentado ao seu lado. Será que, se ela lhe desse um folheto, seria considerada impertinente? E se ela não lhe desse o folheto, não será que iria perder uma grande oportunidade de partilhar a sua fé? Ela pensou e tornou a pensar, hesitou, pois não conhecia o homem, e procurou livrar-se da ideia que lhe ocorria

persistentemente. De repente, o autocarro deteve-se e a ideia que a assaltava não a abandonava. Ela podia nunca mais ver o homem. Ganhou coragem, ousou enfrentar as consequências, saiu da sua zona de conforto e deu ao homem o folheto, esperando uma reação negativa. O desconhecido no autocarro olhou intensamente para

ela e disse: “Sabe, eu tenho estado a orar a Deus para que Ele me dê um sinal de que não quer que eu me suicide... e eu penso que este pode ser esse sinal.” Ambos saíram do autocarro, cada um para a sua vida, uma para a sua rotina, o outro para pensar melhor sobre o significado da vida.

O ministério da literatura é um chamado para se refletir sobre o sentido da vida – pessoas normais confrontando a vida em toda a sua realidade. No entanto, para muitos, o ministério da literatura evoca a imagem de homens de fato com pastas de cabedal a caminhar pelo campo, para vender às famílias livros sobre histórias da Bíblia por centenas de euros. Embora no passado este tenha sido o modo predominante do evangelismo pela literatura, tal imagem ilustra apenas uma categoria restrita no interior da ampla abrangência dos ministérios da literatura – especialmente na relação destes com a igreja local.

Distribuição de literatura

O ministério da literatura contemporâneo pretende empenhar todos os crentes, membros da igreja local, de duas maneiras: em primeiro lugar, através da distribuição de literatura; em segundo lugar, através da venda de literatura. Tendo sido em parte responsável pelo desenvolvimento de um ministério de literatura chamada *GLOW* (*Giving Light to Our World* – Dar luz ao nosso mundo),² tenho tido uma oportunidade única para ver os resultados obtidos por centenas de membros leigos empenhados na distribuição de literatura em várias comunidades.

Em Fresno, Califórnia, Jason, um membro da Igreja Adventista, teve uma experiência rara. Num certo dia, Jason foi ao tribunal para participar num

juízo. Quando lá chegou, passou no posto de controlo de segurança, onde esvaziou os seus bolsos num recipiente para inspeção. Ele colocou ali as chaves, a carteira e os folhetos bíblicos que levava consigo. O segurança, ao inspecionar o recipiente, perguntou a Jason se poderia ficar com um dos folhetos. Jason respondeu que o segurança podia ficar com todos. O segurança abanou a cabeça em sinal negativo, afirmando que já tinha os outros.

A Associação da Colúmbia Norte recebeu um telefonema de um secretário de uma famosa personalidade da televisão. Aparentemente, essa personalidade famosa tinha encontrado um folheto sobre saúde no seu quarto de Hotel e, no dia seguinte, encontrou o mesmo folheto no avião. Ela encomendou 1000 folhetos iguais, afirmando que tinha sido o melhor resumo sobre a promoção da saúde que tinha lido e dizendo que voltaria a ligar para encomendar mais folhetos.

Há também a história de uma mulher que era dona de um salão de beleza em Madera, Califórnia. Ela recebeu dois folhetos sobre o Sábado em momentos diferentes. Orou a Deus para que Ele a esclarecesse sobre se Ele estava a tentar dizer-lhe alguma coisa. Pouco depois, foi abordada por um Adventista, que lhe deu um outro folheto sobre o Sábado – desta vez no Centro Comercial. Tendo ficado estupefacta, ela aceitou o folheto, pediu estudos bíblicos, foi batizada e hoje é uma líder do ministério da literatura na sua igreja Adventista.

Estas são apenas algumas das muitas histórias que ilustram o impacto que pode ter a literatura Adventista nas comunidades, quando os nossos membros se empenham numa distribuição ativa.

Benefícios do ministério da literatura na igreja local

Para avaliar a eficácia do evangelismo pela literatura, alguns poderão perguntar: “Quantos batismos gera a distribuição de literatura?” Eu gostaria de propor outra pergunta razoável: “São os batismos imediatos um indicador apropriado do sucesso do ministério da literatura?” O ponto que eu quero destacar é que implementar um programa de distribuição de literatura produz múltiplos benefícios para as igrejas locais e para as Associações, e estes benefícios nem sempre estão necessariamente ligados ao número de batismos.

Eis aqui dois desses benefícios:

1. Aumento do envolvimento dos leigos.

Um dos mais claros e mais imediatos benefícios da distribuição de literatura é colocar os membros em ação. Levar os membros a agir é um objetivo em si mesmo: “Quando tivermos uma total e plena consagração ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse facto por um derramamento do Seu Espírito sem medida; mas isto não acontecerá enquanto a maior parte da Igreja não for constituída por colaboradores de Deus.”³ O que torna a distribuição de literatura num meio fácil para suscitar a participação dos membros?

A. Simplicidade. A distribuição de literatura não requer meios especiais ou caros, como a instalação de parabólicas de satélite, o uso de projetores, a compra de bilhetes de avião, a conceção de *posters*, a preparação de uma refeição vegetariana ou a pregação de um sermão. Tudo o que é preciso é um coração animado com o desejo de participar.

Considere, por exemplo, o caso de Edith, membro de uma pequena igreja Adventista rural. Ela é uma pessoa de idade com o uso de apenas um braço. Quando a sua

igreja teve a oportunidade de vender hambúrgueres vegetarianos numa Exposição Agrícola local, ela decidiu que iria colocar um folheto bíblico em cada guardanapo que acompanhasse uma refeição vendida. Nesse ano, Edith e outros membros da sua igreja distribuíram centenas de folhetos – um dos quais acabou nas mãos de Arnold Schwarzenegger, o antigo Governador da Califórnia. Edith disse mais tarde: “Este é um ministério em que até eu posso participar!”

B. Destemor. A literatura provê um meio de comunicação livre de temor. Apenas este simples facto galvaniza o coração de muitos leigos Adventistas. Afinal, a sua única parte no processo pode ser tão simples como colocar literatura num lugar público – O Espírito Santo irá aplicar a mensagem do folheto ao coração dos leitores.

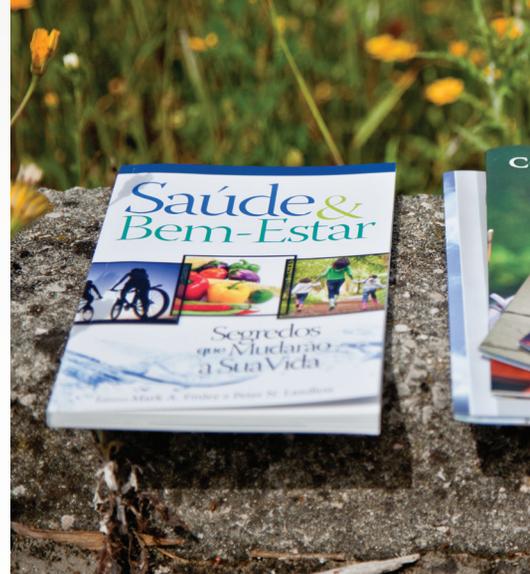
C. Eloquência. A maioria dos leigos acha que não consegue articular adequadamente as suas crenças. Assim, exemplares de literatura bíblica bem escrita fazem deles “pregadores silenciosos”, falando a literatura em lugar deles. Por exemplo, um Adventista em São Francisco tem uma estátua da imagem de Daniel 2 com meio metro de altura. Ele coloca simplesmente a estátua no exterior da sua casa e senta-se numa cadeira ao lado dela. Quando os transeuntes se detêm e lhe perguntam o significado da estátua, ele não tem que dizer sequer uma palavra. Simplesmente oferece-lhes um folheto sobre a profecia de Daniel e permite que esse folheto faça o trabalho de lhes comunicar a verdade.

D. Economia. A maior parte da literatura evangelística é barata, dado que alguns folhetos custam apenas alguns centimos de euro por unidade. Isto torna a distribuição de literatura numa opção viável para todos. Isto também reduz

as inibições no que toca ao uso de métodos de distribuição massiva indiscriminada, dado que pouco se perde, se o recetor do folheto o deitar fora. Um pastor evangélico de Samoa pediu estudos bíblicos para a totalidade dos membros da sua igreja depois de ter encontrado um folheto no chão, junto de um restaurante mexicano.

E. Mobilidade. Ouvimos os membros da igreja repetirem frequentemente que gostam da conveniência do trabalho com a literatura evangelística, especialmente a literatura GLOW, por causa do tamanho dos folhetos. Eles podem levá-los nos seus bolsos ou nas suas malas. Embora possa parecer sem importância, esta portabilidade e mobilidade é um fator importante no processo de decisão que leva os leigos a aderirem ao ministério da literatura. Um membro de igreja até nos disse que os folhetos são do tamanho exato para a sua catatua. O homem leva a sua ave nos seus passeios. Quando as crianças são atraídas pela ave, ele dá ao pássaro um folheto e a catatua dá com o seu bico o folheto aos miúdos. Aparentemente, ele tem uma elevada taxa de sucesso com este método.

2. Aumento do estudo da Bíblia. Um segundo propósito do ministério da literatura é levar as pessoas a estudarem a sua Bíblia. Isto significa, frequentemente, que elas irão estudar sozinhas na sua casa, sem contactarem imediatamente a Igreja Adventista. Ellen White disse: “Mais de mil pessoas serão em breve convertidas num único dia, a maioria das quais remontará à origem da sua primeira convicção à leitura das nossas publicações.”⁴ Ela até deu um exemplo específico dos resultados a longo termo, mas seguros, do ministério da literatura. “Os resultados da circulação deste livro [O Grande Conflito] não devem ser ajuizados pelas aparên-



cias atuais. Ao lerem-no, algumas almas serão despertadas e terão a coragem para se unirem imediatamente aos que guardam os mandamentos de Deus. Mas um número muito maior que o ler não tomará a sua posição até que veja acontecer os eventos que nele são preditos. O cumprimento de algumas das predições irá inspirar a fé de que outras também se verificarão, e quando a Terra for iluminada com a glória do Senhor, na obra final, muitas almas tomarão a sua posição pela observância dos mandamentos de Deus como resultado da influência deste agente.”⁵

Estas afirmações levam-nos a crer que milhares (senão milhões) irão ler as nossas publicações e serão convencidos por elas, mas eles poderão não tomar uma decisão imediata.

Decisões parciais

Enquanto alguns leitores não se porão ao lado da verdade até à grande colheita, muitos serão convencidos e tomarão decisões imediatas no que toca ao tópico do folheto. É frequente que as pessoas que recebem a literatura não requeiram estudos bíblicos adicionais, mas simplesmente tomam decisões a partir da luz comunicada no folheto que receberam.

Em 2013, um membro de igreja colocou uma estante cheia de



folhetos numa livraria cristã, com a devida permissão da loja. Mais tarde, um cliente levou um dos folhetos gratuitos, que versava sobre o Sábado. O cliente ficou tão impressionado que regressou à livraria cristã e mostrou o folheto ao dono. O dono da loja também ficou convencido – de tal forma que, a partir daí, ele começou a fechar a sua livraria ao Sábado.

Não é pouco habitual que a literatura produza alguns batismos imediatos. Segundo as nossas estatísticas referentes à Divisão Norte-Americana, a distribuição de folhetos tende a gerar um pedido de estudos bíblicos por cada 1000 folhetos distribuídos. Alguns destes pedidos de estudos bíblicos *resultam efetivamente* em batismos.

Ao comentar sobre o sucesso batismal dos primeiros tempos do Adventismo, resultante do ministério da literatura, Brian E. Strayer, professor de História da Universidade de Andrews, afirma: “Por volta de 1874, quando foi formada a Sociedade Missionária e de Folhetos da Conferência Geral... cerca de cinco milhões de páginas de literatura Adventista do Sétimo Dia estavam a ser distribuídos cada ano. O líder Adventista John Loughborough atribuía às Sociedades Missionárias e de Folhetos 'a criação e a expansão de um espírito missionário... de trabalho

direto pela salvação de almas' no coração dos membros de igreja. Os resultados também eram inspiradores: a partir de 1871 foram ganhas tantas almas através do ministério da literatura como aquelas que foram convertidas pelos evangelistas públicos, segundo Loughborough.”⁶

A literatura evangelística ainda tem o poder de convencer e converter. Quanto mais literatura começarmos a distribuir, mais resultados testemunharemos. A Associação da Divisão Norte-Americana que mais literatura distribui atualmente distribui, em média, dois ou três folhetos por membro cada mês. A nossa história ilustra o que poderia acontecer *muito mais frequentemente*, se os nossos membros distribuíssem mais literatura de uma forma regular.

A palavra final

“Todos os anos milhões e milhões de almas humanas estão a passar para a eternidade sem serem avisadas e sem estarem salvas. Hora a hora, na nossa vida variada, são-nos abertas oportunidades para alcançar e salvar almas. Estas oportunidades estão continuamente a surgir e a desaparecer. Deus deseja que nós as aproveitemos ao máximo.”⁷ Estas poderosas palavras de Ellen White devem convencer-nos de que temos falhado em aproveitar as nossas oportunidades para testemunhar. Este não é o tempo para nos limitarmos às nossas próprias ocupações. Na verdade, a nossa ocupação deveria ser a ocupação de Deus – alcançar aqueles que não O conhecem. Se alguma vez iremos combater as tendências para o isolamento e se vamos tornar-nos num povo mais consciente das oportunidades que tem diante de si, devemos usar todas os mecanismos que Deus colocou à nossa disposição.

Um desses mecanismos é a literatura. Colocar simplesmente alguns folhetos no bolso tende a fazer-nos lembrar as nossas oportunidades missionárias ao longo do dia. Idas à bomba de gasolina, à mercearia, à lavandaria e a restaurantes ganham um aspeto mais empolgante, ao serem transformadas em potenciais escapadelas missionárias. Caminhadas na vizinhança, no jardim e no parque de estacionamento transformam-se em aventuras para se alcançar e atrair pessoas para a família de Deus.

Num voo que fiz, da Noruega para a Holanda, ofereci um folheto – “Mitos sobre o Inferno” – à pessoa que estava sentada ao meu lado, uma professora universitária de Psicologia. Quando ela reparou no tema do folheto, ficou surpreendida e referiu que tinha um colega na Universidade que estava presentemente a escrever um livro em que procurava mostrar que o Inferno não existia. Ela ficou então com outro exemplar do folheto para o seu amigo. No fim da nossa conversa, ela disse algo que nunca esquecerei: “Sabe, tem sorte, porque, ao menos, tem algo em que acreditar. A maior parte de nós está ainda em busca de algo em que acreditar.”

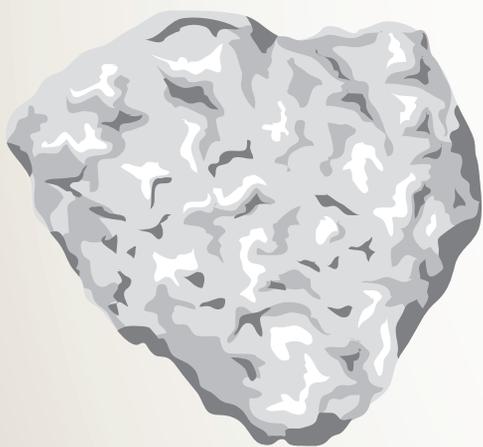
As oportunidades apresentam-se perante nós continuamente e de modos nada usuais. Iremos aproveitá-las? ♣

• Nelson Ernst
Pastor

1. Os nomes neste artigo são pseudónimos.
2. O projeto GLOW já imprimiu mais de 42 milhões de folhetos, traduzidos em mais de 55 línguas, desde setembro de 2007.
3. Ellen G. White, “Why God Waits”, *Review and Herald*, 21 de julho de 1896, p. 449.
4. Ellen G. White, *Colporteur Ministry*, Mountain View, CA: Pacific Press, 1953, p. 151.
5. *Idem*, p. 128 e 129.
6. Brian E. Strayer, “Called to Witness”, *Adventist Review*, janeiro de 2002. <http://archives.adventistreview.org/2002-1504/story1.html>.
7. Ellen G. White, *Christ's Object Lessons*, Washington, DC: Review and Herald, 1941, p. 373.

Zigurates, montanhas e a pedra

– Uma leitura inovadora de um texto bem conhecido.



“E simplesmente não compreendo”, disse-me um dos meus alunos. “Este livro é difícil de mais para que eu o compreenda.” Ele estava a referir-se ao livro de Daniel, desde sempre um dos livros favoritos dos Adventistas do Sétimo Dia espalhados pelo mundo. “E”, acrescentou ele, “qual

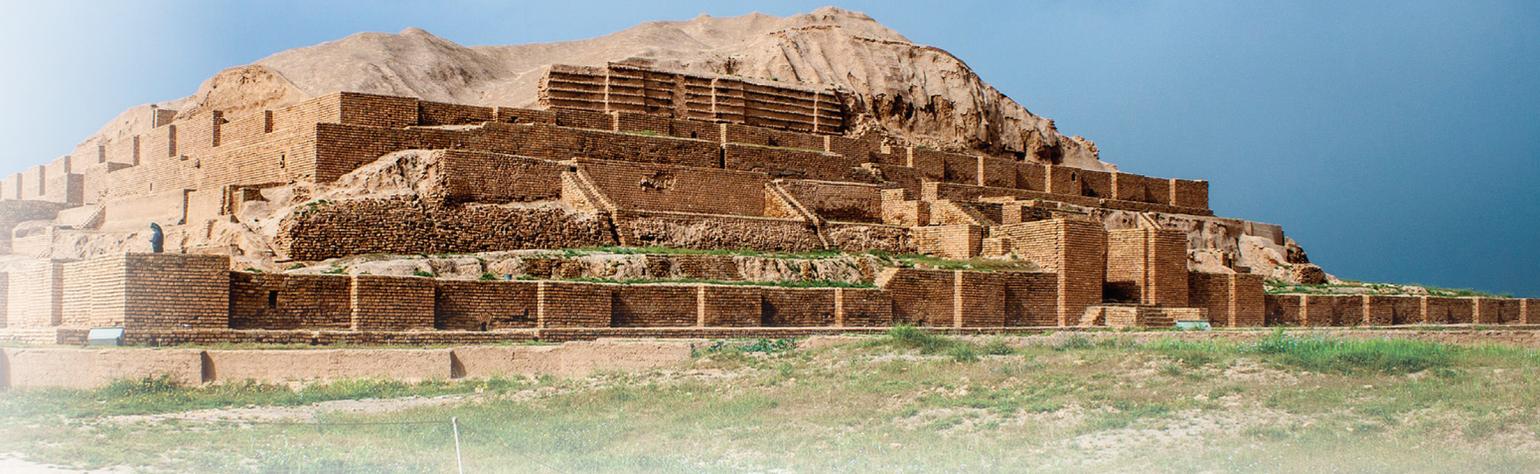
é o suposto significado de todos estes animais esquisitos e de todas estas profecias estranhas?” Juan¹ provinha de uma sólida família Adventista e tinha recentemente realizado o compromisso de seguir Jesus. “Eu sei que devia conceder-lhe mais atenção, mas sempre que eu começo a ler o livro de Daniel ou o Apocalipse, apetece-me desistir – é simplesmente esquisito e complicado de mais.”

A reação de Juan é, sem dúvida, muitas vezes repetida nos Colégios, nas Faculdades e nas igrejas Adventistas espalhados pelo mundo. Enquanto muitos crentes gostam de investir tempo na leitura destes livros proféticos fascinantes, outros têm tendência para se sentirem desmotivados pela linguagem, pela imagética e

pelo simbolismo complexo. Eles podem sentir dificuldade em perceber o enquadramento global destes livros apocalípticos, em que tudo aponta para o Cordeiro e para a Sua vitória final no grande conflito entre o Bem e o Mal.²

Um livro para um tempo especial

O livro de Daniel foi escrito em algum momento do século VI a.C., um tempo de grande perplexidade para o povo de Deus. Jerusalém tinha caído repetidamente nas mãos de Nabucodonosor, o rei de Babilónia, e tinha sido finalmente destruída em 586 a.C.. Ruínas marcavam agora o lugar onde antes se erguia o Templo de Salomão. Enquanto milhares tinham perecido, outros tinham sido levados como cativos para Babilónia,



onde se tinham instalado. Em vez de utilizarem o seu hebreu nativo, estes cativos tinham sido forçados a usar o aramaico e o babilônio. Uma nova língua, um novo sistema político, um novo país, novos deuses – onde estava o Deus de Israel nesta aflitiva situação? Ele ainda podia falar, ou tinha sido para sempre silenciado pelos deuses babilônicos, aparentemente mais poderosos, que eram adorados pelos vencedores?

Perguntas como estas devem ter passado pela cabeça de muitos dos Judeus exilados. Estas perguntas eram legítimas, num mundo em que o poder das divindades era medido pelo sucesso dos seus adoradores terrestres. O livro de Daniel foi escrito neste contexto histórico peculiar e tendo em mente estas perguntas. A sua primeira parte (capítulos 1-6) conta a história de quatro jovens de Judá e da sua interação com reis pagãos e com uma sociedade frequentemente antagónica. Permaneceriam eles fiéis ao seu Deus? Seriam eles capazes de resistir à tentação da assimilação e da integração? Seriam eles capazes de se tornar numa bênção, na bênção tantas vezes insinuada nas Escrituras (cf. Gén. 12:1-3), e de influenciar os seus captivos, que entretanto se tinham tornado seus vizinhos e, até, seus amigos?

Guiado pela revelação divina, Daniel incluiu no seu livro não

apenas histórias que suscitam a fé, mas também cenas panorâmicas proféticas muito perturbadoras, que destacavam um conceito muito importante: O Deus de Israel, *Yahweh*, estava plenamente no controlo da História e estava interessado em comunicar o Seu calendário profético àqueles que O amavam e O adoravam, independentemente da raça e da etnia a que pertencessem. O livro de Daniel não era apenas um livro para o seu tempo: Ele dirige-se a todas as épocas e, particularmente, aos que vivem no tempo do fim (Dan. 12:1-4).

Compondo o cenário

Daniel 2 é um capítulo especialmente adaptado para se perceber o elo existente entre a história de Deus e a história humana. Numa versão condensada, ele diz o seguinte: Um sonho do rei torna-se no pesadelo dos seus académicos, que não conseguem comunicá-lhe a mensagem ostensivamente esquecida que provém do Alto. Não sendo alguém capaz de fazer as coisas pela metade, o rei Nabucodonosor ameaça executar os seus académicos cortesãos, se eles não forem capazes de contar o sonho. Daniel e os seus três amigos hebreus são informados deste decreto drástico, que também os afetará, e, após terem pedido ao rei mais tempo, oram a Deus para que a sua vida seja poupada. Durante a

noite, Deus revela a Daniel o sonho e o seu significado. Daniel aborda então o oficial real encarregado da execução e é levado perante o rei.

Não há dúvida de que esta é uma verdadeira história de suspense, cheia de momentos enervantes – no entanto, está também cheia de momentos com Deus. O primeiro acontece logo depois de Daniel ter recebido a visão. Imagine que qualquer pessoa (incluindo eu) sairia à pressa da reunião de oração e iria bater à porta do palácio real. Não havia tempo a perder. Não se podiam desperdiçar minutos preciosos. No entanto, não é isso que Daniel faz. Ele louva Deus tranquilamente, numa das orações mais significativas de toda a Bíblia (Dan. 2:20-23).

Eis outro momento com Deus. Sendo Daniel trazido perante o irado rei, ele é confrontado com uma pergunta-chave: “És capaz de me contar o sonho?” Havia a grande tentação de simplesmente dizer “Sim” e prosseguir – seria algo impressionante a incluir no *currículo vitae* de Daniel. Mas Daniel também não caiu nesta armadilha. A sua resposta ilustra o tipo de pessoa que ele é e o tipo de relacionamento que ele tem com o seu Senhor. “Não, eu não sou capaz; na verdade, nem um só dos teus académicos o pode fazer, mas há um Deus no céu que revela mistérios” (cf. v. 27). Daniel compreende a verdadeira balança do poder

– mesmo estando no epicentro de uma antiga superpotência.

O sonho e a pedra

A grande estátua feita de materiais diferentes tem sido uma parte importante da pregação e do evangelismo Adventista há mais de 150 anos. Já ouvimos falar sobre a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, a barriga e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés em parte de ferro e em parte de barro. Também nos lembramos do seu fim: Ser esmagada por uma pedra cortada de uma montanha, de tal modo que os restos da impressionante estátua se tornam como a praga de uma eira. Podemos até lembrar-nos do significado do sonho, que aponta para uma sequência de quatro grandes reinos que acabam por ser seguidos pelo estabelecimento do Reino de Deus (vv. 37-45). É algo que já conhecemos bem. Nós sabemos – e frequentemente descaramos – detalhes significativos que podem ter falado de modo mais profundo a um dos participantes neste drama incrível.

Eu percebi isto pela primeira vez quando traduzi o segundo capítulo de Daniel com os meus alunos nas minhas aulas de Aramaico, pois este é um dos poucos capítulos do Velho Testamento que está escrito em Aramaico.³ Eis a minha tradução pessoal de Daniel 2:34 e 35, seguida pela interpretação do sonho nos versículos 44 e 45: “Estavas vendo isto, até que *uma* pedra [indeterminado] foi cortada – não por mãos de homens – e feriu a imagem nos seus pés de ferro e cerâmica e os esmagou. O ferro, a cerâmica, o bronze, a prata e o ouro foram totalmente esmagados e fizeram-se como praga das eiras do estio; e o vento os levou e não se achou lugar algum para eles. No entanto, a pe-

dra que feriu a imagem tornou-se *numa* imensa montanha [indeterminado] e encheu toda a Terra” (vv. 34 e 35).

“E nos dias destes reis o Deus do céu irá estabelecer um reino eterno, que jamais será destruído; e o reino não passará a outro povo; ele destruirá e dará fim a todos estes reinos e será estabelecido para sempre; tal como viste que a pedra [determinado] foi cortada *da* montanha [determinado] – não por mãos humanas – e esmagou o ferro, o bronze, a cerâmica, a prata e o ouro; o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disto e o sonho é certo e a sua interpretação fidedigna” (vv. 44 e 45).

Percebeu? A secção descritiva menciona *uma* pedra que procede de um lugar *indeterminado* (v. 45), enquanto a secção interpretativa fala *da* pedra que procede *da* montanha (v. 45). Os tradutores da *Septuaginta*, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, notaram esta discrepância e, por isso, inseriram “da montanha” no versículo 34. O texto bíblico continua com uma descrição surpreendente da transformação dramática da pedra, que se torna numa “imensa montanha” (v. 35), enchendo toda a Terra. É evidente que esta pedra não pertence a este mundo: A sua identidade e a sua origem têm interessado particularmente os intérpretes da Bíblia.⁴ Uma pesquisa rápida nos principais comentários sobre Daniel traz à luz várias interpretações do simbolismo da pedra/montanha em Daniel 2. O que está Daniel a dizer-nos ao escrever do modo como o fez? O que um rei de Babilónia, vivendo no século VI a.C., na Mesopotâmia, compreenderia de um relato envolvendo pedras e montanhas?

Sobre pedras e montanhas

Há poucas referências na literatura da Mesopotâmia a pedras que tenham sido usadas em circunstâncias similares às que são referidas em Daniel 2. Na Épica de Gilgamesh, a história mesopotâmica sobre o Dilúvio, o personagem principal tem um sonho sobre a vinda de Enkidu (um ser selvagem destinado a dar uma lição de humildade a Gilgamesh) sob a forma de um meteoro que cai sobre os pés de Gilgamesh.⁵ Nós vemos nas listas mesopotâmicas que as divindades e o espaço sagrado eram frequentemente relacionados com pedras. Por outro lado, as montanhas desempenhavam um importante papel na maioria das religiões do antigo Médio Oriente, como se pode ver pela arquitetura de muitos templos e de muitos túmulos. A estrutura do zigurate (ou templo) mesopotâmico representa uma montanha artificial, semelhante na sua forma e conceção às pirâmides do Egito.⁶ Os zigurates da Mesopotâmia eram considerados como o verdadeiro lar da divindade.⁷ Os nomes destes templos ilustram a relação existente entre os seres humanos e a divindade. Por exemplo, o zigurate de Larsa, outra cidade-estado da Mesopotâmia, é chamado “casa da ligação entre o céu e a terra”, enquanto o zigurate de Kish era conhecido como sendo “o exaltado lugar de habitação de Zababa e Inana, cujo topo é tão alto como os céus”. O nome do zigurate de Nippur é “casa da montanha”.⁸ De modo semelhante, nos textos de Ugarit, um local no Norte da Síria, o lar dos deuses está ligado ao Monte Saphon.⁹

Entre a teologia e a missão

A resposta exasperada da aterrorizada elite intelectual de Babilónia à ordem de Nabucodonosor,

resposta registada no começo de Daniel 2, é realmente significativa: “Ninguém há que possa declarar o sonho diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne” (v. 11). A referência aos deuses, que não habitam onde habitam os mortais, apresenta-nos um dos principais temas de Daniel 2. Enquanto o Deus de Daniel está interessado em comunicar o futuro e guia através de tempos difíceis aqueles que n'Ele confiam, os deuses do rei Nabucodonosor não são capazes (ou não desejam) fazer o mesmo, dado que vivem muito longe da Humanidade, nos locais elevados das montanhas ou dos zigurates.

O Deus do Céu é diferente (vv. 18 e 19, 37, 44). Ele não só é capaz, como está disposto a revelar o futuro ao rei, e o Deus do Céu fá-lo de um modo que o rei de Babilónia poderá entender. Deus quer conduzir Nabucodonosor de algo conhecido até algo novo. Ao mesmo tempo, Deus está a pôr em causa, subtil, mas consistentemente, os conceitos religiosos familiares a Nabucodonosor. Os deuses não respondem e não dão a sabedoria necessária para fazer saber ao rei o seu sonho ou para fornecer a respetiva interpretação. A estátua, que era tão importante para o sonho, e, como vemos mais tarde em Daniel 3, também era importante para o rei Nabucodonosor, é esmagada por uma pedra que foi cortada de uma montanha. Na mente do rei as elevações e as montanhas eram lugares de encontro com o divino. *Quem* seria capaz de cortar uma pedra suficientemente grande para não apenas fazer tombar a estátua, mas também para a esmagar até a reduzir a pó? *Quem* seria mais forte do que os deuses que se reúnem na montanha? Apenas o grande Deus do Céu, o Deus de Daniel; e logo que Nabucodonosor com-

preende o significado do sonho, ele lança-se por terra e adora (v. 46). Ele ainda não compreende tudo sobre este Deus do Céu, mas percebe que este Deus é, verdadeiramente, “o Deus dos deuses e o Senhor dos reis” (v. 47).

Estou a falar contigo

Daniel 2 conta uma história sobre como o Deus do Céu comunica com indivíduos que vivem fora da eleita comunidade de fé. Daniel conta a história usando conceitos conhecidos por qualquer pessoa que vivesse nesse tempo no antigo Médio Oriente. Estes conceitos e esta terminologia não estão a ser usados acriticamente. Pelo contrário, Daniel vira do avesso o modo como as pessoas pensam acerca da religião e da História, graças à sua introdução de um resultado inesperado e de efeitos surpreendentes. Os especialistas em missão chamam a este processo “contextualização”: O processo de “traduzir” um conceito (estrangeiro) particular no âmbito de uma cultura diferente, usando ideias e elementos que são familiares a essa cultura.

As referências à pedra e à montanha não são as únicas passagens bíblicas que contextualizam pensamentos e valores culturais de modo a ir ao encontro das pessoas onde elas se acham.¹⁰ Deus envia repetidamente mensagens através dos Seus profetas, que não só não deixam os descrentes com as suas falsas ideias, mas que também os levam mais longe, ao apresentá-los ao Deus vivo. No momento culminante, Nabucodonosor lança-se por terra e reconhece o poder do Deus de Daniel, o Deus do Céu, tão diferente dos seus deuses. Mas a história não termina com esta interação entre *Yahweh* e Nabucodonosor. O livro de Daniel descreve uma longa

viagem que acabaria por resultar no reconhecimento, por parte do rei, de que *Yahweh* não só é o Deus do Céu, mas é também “o Altíssimo” (Dan. 4:32), Aquele que está acima de todos, Aquele que está ativamente envolvido na história humana, que empossa reis e remove reis. Ele é o Deus que Se aproxima de Nabucodonosor e lhe fala de um modo que ele pode entender. Afinal – e sobretudo –, o grande Deus do Céu é Emanuel: “Deus conosco.”¹¹

• **Gerald A. Klingbeil**

Editor-associado da *Adventist*

Review

1. Nome fictício.
2. Este artigo é baseado numa investigação que foi apresentada em Gerald A. Klingbeil, “Rocking the Mountain: Text, Theology and Mission in Daniel 2”, in “For You Have Strengthened Me”: Biblical and Theological Studies in Honor of Gerhard Pfandl, Gerald A. Klingbeil e Martin G. Klingbeil, St. Peter am Hart; Austria: Seminar Schloss Bogenhofen, 2007, pp. 117-139.
3. As secções aramaicas do Velho Testamento incluem principalmente Daniel 2:4-7:28 e Esdras 4:8-6:18 e 7:11-26. Dois curtos versículos em Génesis 31:47 (duas palavras) e em Jeremias 10:11 também estão escritos em aramaico.
4. C. L. Seow, “The Rule of God in the Book of Daniel”, in David and Zion: Biblical Studies in Honor of J. J. M. Roberts, ed. Bernard F. Batto e Kathryn L. Roberts, Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2004, pp. 224-226, por exemplo, sugere que os símbolos da rocha/montanha significam os descendentes de Abraão, que serão os mediadores da soberania divina na Terra. Além disso, Seow argumenta que a montanha é uma referência à vinda das nações ao monte Sião (Isa. 2:1-4; Miq. 4:1; Sal. 22:28 e 29). Cf. Gerhard Pfandl, “Interpretations of the Kingdom of God in Daniel 2:44”, *Andrews University Seminary Studies* 34, 1996, pp. 249-268, para uma história concisa da interpretação desta passagem.
5. John H. Walton, Victor H. Matthews e Mark W. Chavalas, *The IVP Bible Background Commentary: Old Testament*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2000, p. 733.
6. Harmut Waetzoldt, “Tempelterrassen und Zigguratte nach der sumerischen Überlieferung”, in “An Experienced Scribe Who Neglects Nothing”: Ancient Near Eastern Studies in Honor of Jacob Klein, ed. Yitschak Sefati *et al.*, Bethesda, MD: CDL, 2005, pp. 322-342.
7. Waetzoldt, p. 332.
8. Othmar Keel, *Die Welt der Altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament*, 5th ed., Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1996, p. 100.
9. Cf. Richard J. Clifford, *The Cosmic Mountain in Canaan and the Old Testament*, Harvard Semitic Monograph 4, Cambridge: Harvard University Press, 1972.
10. Outras referências bíblicas que usam um conceito teológico conhecido de modo a comunicarem uma verdade completamente diferente são, por exemplo, Sal. 121:6 e, surpreendentemente, Gén. 1 e 2.



Por que razão disse Deus que os patriarcas não O conheciam sob o nome *Yahweh*?

*“E eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacob, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, **Yahweh**, não lhes fui perfeitamente conhecido.” Êxodo 6:3.*

Uma leitura superficial de Êxodo 6:3 poderia sugerir que o nome *Yahweh* não era familiar aos patriarcas. Deu-se real-

mente o caso de Abraão, Isaque e Jacob não terem conhecido Deus pelo Seu nome *Yahweh*?

O nome *Yahweh* no Pentateuco – O livro de Génesis, com as suas

143 ocorrências do nome *Yahweh*, indica que os patriarcas realmente conheceram Deus pelo nome *Yahweh*. O nome é usado por seres humanos numa data tão recuada

como a mencionada em Gênesis 4:1, 26. Ele ocorre frequentemente nas narrativas patriarcais. Deus identificou-Se a Abraão e a Jacob pela frase “Eu Sou *Yahweh*” (15:7; 28:13), prometendo em cada uma das ocasiões a terra a eles e aos seus descendentes.

No livro de Êxodo, o nome *Yahweh* ocorre de novo em 3:15, quando Deus instruiu Moisés a dizer “*Yahweh*, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacob, me enviou a vós”. Deste modo, *Yahweh* é claramente identificado como o Deus dos pais. Assim, como devemos compreender a afirmação de Êxodo 6:3?

Revelado o caráter de Deus – Uma leitura atenta do versículo no seu contexto imediato conduz-nos a uma melhor interpretação de Êxodo 6:3. Primeiro, devemos lembrar-nos de que os nomes bíblicos têm um significado. Os muitos nomes de Deus – de *Adonai* a *Yahweh* – retratam o Seu caráter multifacetado e grandioso. Dois dos Seus nomes aparecem em Êxodo 6:3 e as associações com estes nomes explicam o mistério aparente contido neste versículo. Êxodo 6:3 não é uma revelação de um novo nome divino, mas indica antes como Deus age e que nome se ajusta melhor às Suas obras.

A primeira metade do versículo afirma que Deus apareceu aos patriarcas como “*El Shaddai*” ou “Deus Todo-Poderoso”. Este nome era claramente conhecido pelos patriarcas, pois Deus revelou-Se a eles como *El Shaddai* (Gênesis 17:1; 35:11; cf. 28:3; 43:14; 48:3). Este nome refere-se ao poder de Deus. O livro de Êxodo obviamente liga esta característica de Deus com o período patriarcal. O mesmo Todo-Poderoso Deus dos patriarcas é o Deus do povo de Israel.

A segunda metade de Êxodo 6:3 afirma que Deus não Se fez co-

nhecer como *Yahweh* aos patriarcas. “*Yahweh*” é mais do que um simples nome; é um programa, a promessa garantida de que Aquele que está com o Seu povo Se virou para ele e Se empenha em favor da sua salvação (6:5-8). É certo que *Yahweh* era o Deus dos patriarcas e estabeleceu a Sua aliança com eles, mas a experiência de lidar com o Deus compassivo e redentor, a libertação de uma nação inteira e a realização da promessa relativa à dádiva da terra, foi experimentada apenas pelo povo de Israel quando este saiu do Egito. A experiência da aliança pelos patriarcas não estava completa, na medida em que eles não puderam tomar posse da terra prometida.

Conhecer Yahweh – Além do mais, Êxodo 6:3 não diz que o nome “*Yahweh*” era estranho aos patriarcas; diz antes que esse nome não era “conhecido”, isto é, conhecido por experiência própria. O verbo hebreu “conhecer” tem conotações que se situam para além do mero conhecimento intelectual. Ele também descreve o conhecimento existencial, nomeadamente o relacionamento íntimo entre parceiros de aliança ou de matrimónio (e. g., Gênesis 4:1).

Conhecer o nome *Yahweh* significa experimentar Deus como *Yahweh*. Isto está explicitamente claro em passagens como as de Jeremias 16:21: “Portanto, eis que lhes farei conhecer, desta vez lhes farei conhecer a minha mão e o meu poder; e saberão que o meu nome é *Yahweh*” (cf. Isaías 52:6; Êxodo 7:5; e, na negativa, Êxodo 5:2). Frequentemente o contexto destas passagens em que *Yahweh* é conhecido ou Se dá a conhecer está ligado ao Juízo (Êxodo 6:3; Isaías 19:21; Ezequiel 20:5, 9; 35:11; 38:23; Salmos 9:16; 48:3; 76:1-3). Dado que o Juízo e a Salvação andam juntos (cf. Isaías

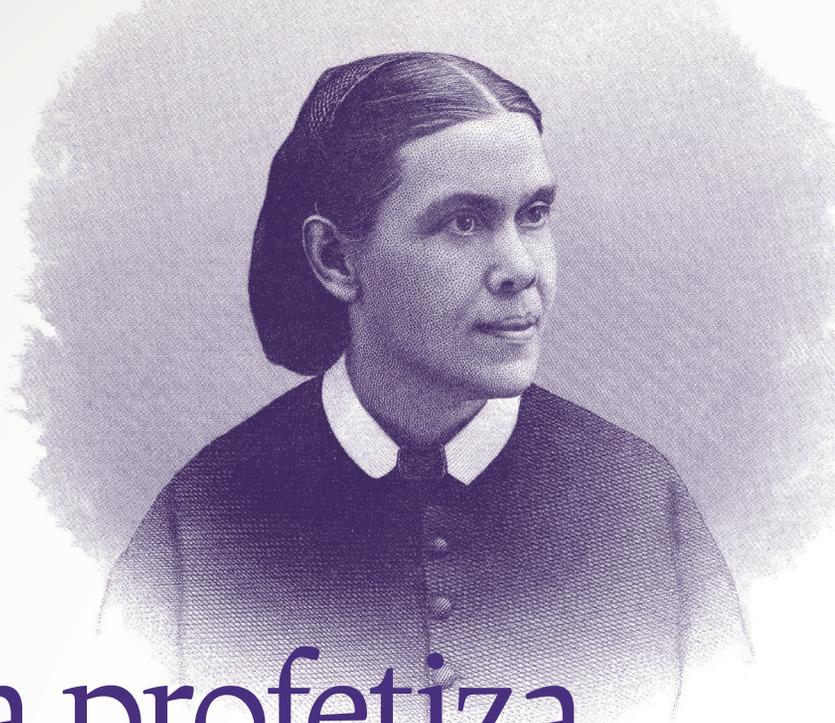
19:21 e 22), “conhecer *Yahweh*” envolve conhecê-l’O como o juiz que traz a Salvação ou o Juízo.

Êxodo 6:3 declara que o significado do nome de Deus é agora plenamente compreendido. O nome “*Yahweh*” denota o Deus que observa a Aliança e que irá salvar o Seu povo. Através da experiência do êxodo, os Israelitas chegarão a conhecer Deus de um modo que os patriarcas não conheceram.

Conclusão – Êxodo 6:2-8 dá continuidade à história patriarcal. As referências constantes aos patriarcas nos primeiros capítulos do Êxodo estabelecem uma relação estreita com o passado. Seria estranho apresentar-se agora um contraste entre os nomes pelos quais Deus era conhecido.

O mesmo “Deus Todo-Poderoso” (*El Shaddai*) vai revelar-Se agora como Aquele Deus que Ele prometeu ser, o Deus que está com o Seu povo, que honra os termos da Aliança e que dá ao povo a terra prometida. A paráfrase seguinte expressa bem o pensamento de Êxodo 6:3: “Eu apareci a Abraão, Isaque e Jacob na minha capacidade de *El Shaddai* (que faz as promessas da Aliança). Mas Eu não fui para eles o objeto de um (pleno) conhecimento no seio da Aliança, conhecimento que é transmitido na minha capacidade como *Yahweh* (que cumpre as promessas da Aliança).” ✨

• **Martin Pröbstle**
Teólogo



Quando a profetiza *fica* em silêncio

“**O**uvi dizer há alguns anos que a irmã tinha luz acerca da lei acrescentada [referida em Gálatas 3], no sentido de que ela estava relacionada com o sistema sacrificial e não com a lei moral”, escreveu G. I. Butler, presidente da Conferência Geral, em 1886. “Eu penso que esta questão deveria ser, de algum modo, resolvida.” “Eu penso, efetivamente, que nós temos apresentado uma frente dividida sobre esta questão há tempo de mais.”¹

Era um tempo de divisão teológica. Em causa estavam os fundamentos da Igreja – ou, pelo menos, o que alguns viam como os seus fundamentos. Mais controvérsia poderia ser evitada, se Ellen White resolvesse o assunto, ao declarar quem possuía a perspectiva corre-

ta. Mas, o apelo do presidente da Conferência Geral não trouxe o desejado testemunho do Espírito de Profecia. O debate continuou, culminando numa contenciosa reunião da Conferência Geral em Minneapolis, dois anos mais tarde.

A Igreja Cristã dos primeiros tempos também não deixou de ter a sua porção de controvérsias. Mas, como aprendemos com a experiência registrada em Atos 15, embora o dom profético pudesse estar ativo entre o povo de Deus, isso não garantia que Deus decidisse resolver tais desacordos através de uma revelação especial – mesmo sobre assuntos tão críticos para a missão da Igreja. Assim, quais são algumas das abordagens a evitar quando enfrentamos assuntos divisores e quando tudo o que encontramos através das fontes inspiradas é silêncio ou ambiguidade?

Em busca de respostas

Frequentemente, procuramos preencher a lacuna, construindo o nosso “Assim diz o Senhor”. Isto é mais fácil de fazer, quando pensamos que já conhecemos o que é a Palavra do Senhor. Ellen White escreveu sobre aqueles que “estudam as Escrituras com o propósito de provarem que as suas próprias ideias estão corretas. Eles mudam o significado da Palavra de Deus para a fazer condizer com as suas opiniões. E assim fazem eles também com os testemunhos que Ele envia. Eles citam meia frase, deixando de parte a outra metade, a qual, se citada, mostraria ser falso o seu raciocínio”.²

Outros constroem pontes falaciosas ao tomarem comentários de Ellen White realizados num contexto para transformá-los em princípios gerais. Durante as

discussões havidas nos anos 80 acerca da integridade da verdade sobre o santuário, alguns citaram a recusa de Ellen White, em 1910, em resolver a controvérsia sobre o significado do “contínuo” nas profecias de Daniel como prova de que os seus escritos não deveriam ter qualquer lugar especial na revisão de interpretações proféticas ou teológicas.

No entanto, antes de extrapolarmos de mais a partir do seu silêncio, devemos tomar em conta o que ela também afirmou na altura: “Eu não tenho tido nenhuma instrução sobre o ponto em discussão.”³ Será justo fazer uma generalização como a acima mencionada sobre assuntos nos quais ela reclamou *ter, efetivamente*, recebido instrução divina?

Em contraste com este caso, alguns anos antes, quando um obreiro proeminente adotou uma visão divergente sobre o santuário celestial, Ellen White escreveu simplesmente: “Eu estou comissionada a dizer no nome do Senhor que o Pastor [A. F.] Ballenger está a seguir uma luz falsa. O Senhor não lhe deu a mensagem que ele sustenta acerca do serviço do santuário.”⁴

Outros exemplos de se generalizar afirmações associadas especificamente a um contexto encontram-se na sequência da crise motivada por Kellog, nomeadamente nas perspetivas erróneas de A. T. Jones acerca da organização da Igreja. Ellen White achou ser necessário corrigir publicamente o abuso que alguns estavam a fazer das suas afirmações prévias, em que ela dizia que já não olhava as decisões da Conferência Geral como sendo a voz de Deus. Ela fez notar a diferença em autoridade entre as decisões tomadas por um “restrito número de homens” na sede da Conferência Geral e as decisões toma-

das por “uma Conferência Geral composta de uma assembleia de homens devidamente nomeados e representativos de todas as partes do campo mundial”.⁵

Argumentando a partir do silêncio

Outro perigo emerge quando alguns assumem que Ellen White subscreve perspetivas que ela não denunciou explicitamente. O raciocínio é algo como isto: “A minha posição sobre o tópico em questão é a mesma que foi partilhada por um dos contemporâneos mais próximos de Ellen White. Dado que ela nada disse contra as perspetivas dessa pessoa, ela deveria estar de acordo com ela.” Estas pessoas tomam a ausência de um conselho corretor direto como sinal de aprovação.

Existem alguns que, seguindo esta lógica, procuram encontrar apoio para as suas perspetivas sobre a natureza da Deidade ou sobre a divindade de Cristo, porque não existe registo de Ellen White questionar certas afirmações publicadas por alguns dos nossos pioneiros. Argumentos semelhantes fundados no silêncio são também avançados para recrutar o apoio de Ellen White para metodologias adotadas ou decisões tomadas em reuniões em que ela poderá ter estado presente (ou não), embora nós não saibamos, efetivamente, quais as suas próprias perspetivas sobre essa questão.

É natural agarrarmo-nos a qualquer vestígio possível de apoio para a nossa posição quando o debate é intenso e há falta de instrução inspirada. Mas os argumentos baseados em abordagens como as que esboçámos acima prestam mais do que um mau serviço ao dom profético que abençoou este movimento. Eles podem também retratar

Ellen White como advogando posições que ela nunca sustentou ou representando falsamente os seus conselhos como contraditórios e, assim, como não possuindo qualquer importância para o tópico em discussão.

Não possuirmos aquele capítulo e versículo (ou livro e página) conclusivos chama-nos a cavar mais fundo, a apreender princípios mais amplos e a respeitar humildemente as perspetivas de outros que não veem as coisas como nós as vemos. Ao mesmo tempo, isto incita-nos a que nos perguntemos se deixámos espaço para o Espírito Santo corrigir o nosso pensamento ou para nos impulsionar a avançar conjuntamente como irmãos e irmãs numa direção que nenhum de nós teria esperado.

Embora sejamos desafiados quando há apenas silêncio, somos abençoados pela luz já recebida. Ellen White escreveu: “Deus permitiu que a luz clara da Sua verdade brilhe sobre o Seu povo. Ele providenciou graça para toda a hora de prova, força para a sua fraqueza e sabedoria para a sua ignorância. Ele não apenas prometeu orientação e proteção ao longo de toda a senda da vida, mas Ele declara que, à medida que seguimos os seus raios, a luz que agora brilha sobre nós irá aumentar mais e mais, até ser dia perfeito.”⁶ ✨

• Tim Poirier

Vice-diretor do Ellen White Estate da Conferência Geral

1. G. I. Butler para E. G. White, 20 junho de 1886 e 23 de agosto de 1886.
2. Ellen G. White, *Selected Messages*, Washington, D.C., Review and Herald, 1988, 1980, Livro 3, p. 82.
3. *Idem*, livro 1, p. 164.
4. Arthur White, *Ellen White: The Early Elmshaven Years*, Washington, D.C., Review and Herald, 1981, vol. 5, p. 412.
5. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, Mountain View, Calif., Pacific Press, 1948, vol. 9, pp. 260 e 261.
6. Em *Advent Review and Sabbath Herald*, 23 de outubro de 1888.

APELO PARA QUE OS ADVENTISTAS OREM DURANTE 100 DIAS PELA SESSÃO DA CONFERÊNCIA GERAL

ANN/RA

Os Adventistas do Sétimo Dia de todo o mundo são convidados a orar por um derramamento do Espírito Santo na Sessão da Conferência Geral que se avizinha, como resposta a um chamado à renovação espiritual e à preparação para a Segunda Vinda de Jesus. A iniciativa “100 dias de Oração” convida os crentes Adventistas a empregarem algum tempo cada dia para orarem pelo derramamento do Espírito Santo, pelos líderes da Igreja e pelas decisões que serão tomadas na Sessão da Conferência Geral de 2015, a Assembleia Geral quinquenal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este programa de promoção da oração intercessória começou a 25 de março e

terminará a 11 de julho, dia em que se encerra a Sessão de 2015, que decorrerá em San Antonio, Texas, nos Estados Unidos da América. Os crentes podem inscrever-se para receber um *email* diário do site **100DaysofPrayer.org** criado pela Associação Ministerial da Conferência Geral. Esse *email* incluirá mensagens devocionais práticas, uma lista de nomes dos líderes da Igreja pelos quais orar e necessidades importantes para serem objeto de intercessão enquanto decorrem os preparativos para a Sessão da Conferência Geral de 2015. Os participantes podem inscrever-se no site como indivíduos, como igrejas, como pequenos grupos ou como escolas. Jerry Page, diretor da Associação Ministerial, afirma que está a orar por um derramamento do



Espírito Santo durante a Sessão da Conferência Geral semelhante ao de Atos 2. “Nós percebemos que precisamos de ser tomadas grande decisões e precisam de ser ouvidas diferentes opiniões”, disse Page. “Estamos a orar para

que esta reunião vital possa ser uma ocasião em que Deus venha a agir no coração dos intervenientes e, como no livro de Atos, acenda neles uma paixão pela partilha das boas-novas com todos os habitantes do mundo.”

O PRESIDENTE DA IGREJA ADVENTISTA REÚNE-SE COM O LÍDER DAS NAÇÕES UNIDAS

ANN/RA

Ban Ki-moon, o Secretário-Geral das Nações Unidas, exprimiu preocupação com o aumento da intolerância religiosa a nível mundial durante uma reunião com Ted Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e convidou a nossa Igreja para colaborar com a ONU no auxílio à Humanidade. Wilson, o primeiro Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia a encontrar-se com um Secretário-Geral da ONU, fez notar que a Igreja tem, desde há muito, promovi-

do a liberdade religiosa e disse também que a Igreja está disponível para aderir a iniciativas que sigam o exemplo de Cristo, servindo as pessoas nas suas necessidades físicas, mentais e sociais. Ganoune Diop, diretor-associado do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa, disse que o seu departamento leva muito a sério a injunção de Jesus sobre sermos “o sal da terra” e a “luz do mundo”. Ban Ki-moon encontrou-se com Ted Wilson, John Graz e Ganoune Diop ao meio-dia de segunda-feira, 6 de abril, para uma reunião de 45 minutos no seu escritório

na sede da ONU, em Nova Iorque. A reunião foi agendada graças ao envolvimento pessoal do Embaixador Joseph Verner Reed, que é um amigo dos Adventistas. “Foi um verdadeiro privilégio encontrar-me com o Secretário-Geral e ouvir o seu apelo para que a nossa Igreja auxilie a Humanidade que sofre”, disse Wilson. Ban Ki-moon partilhou a sua preocupação com questões globais, como a pobreza e a necessidade de maior investimento na educação, antes de exprimir a sua preocupação sobre o facto de a intolerância religiosa ter atingido este ano níveis nunca vistos

a nível global. O Secretário-Geral da ONU sublinhou a sua crença de que as pessoas deveriam cultivar o respeito por todos, incluindo pelas pessoas que têm outra fé religiosa. Ele disse apreciar o trabalho da Igreja Adventista na promoção da liberdade religiosa para todos, bem como no fomento da educação, da saúde e da ajuda humanitária através da ADRA. Wilson agradeceu a Ban Ki-moon pela reunião e partilhou com ele algumas das iniciativas da Igreja Adventista do Sétimo Dia destinadas a ajudar as pessoas. “Tivemos uma excelente reunião com o Secretário-



-Geral, partilhando com ele algumas das atividades da Igreja”, disse Wilson. “Focámo-nos em algumas coisas que a Igreja Adventista pode fazer para ajudar a Humanidade, tais como a promoção da liberdade religiosa, da liberdade de consciência, dos valores éticos e morais, do respeito pela dignidade

humana, da orientação da família, bem como a satisfação de necessidades fundamentais como o acesso à água potável e à educação básica”, acrescentou Wilson. Nesta reunião, John Graz, diretor do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa, partilhou um pequeno relatório sobre os congressos

organizados pela Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, ligada à Igreja Adventista, que promove a liberdade religiosa. Fez também notar o forte apoio que a mesma Associação dá ao Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que diz que todos os seres humanos

têm o direito “de mudar de religião ou de crença”. “Foi uma reunião histórica entre o Secretário-Geral da ONU e o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre o estado do mundo e sobre como nós podemos ajudar as pessoas a viverem melhor em ambientes difíceis”, disse Graz. ✦

A IGREJA IRÁ INAUGURAR TRÊS NOVOS CANAIS DE TELEVISÃO NA DIVISÃO INTER-AMERICANA

ANN/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Divisão Inter-Americana está a preparar-se para começar uma das suas mais ambiciosas iniciativas evangelísticas, lançando três novos canais televisivos por satélite, destinados a cobrir o seu populoso território. Os novos canais irão juntar-se à família da cadeia de televisão *Hope Channel*, partilhando a mensagem Adventista nas três principais línguas faladas na Divisão Inter-Americana: Espanhol, Inglês e Francês. O Comité Executivo da Divisão Inter-Americana votou que se estabelecessem os três novos canais durante a sua reunião realizada em novembro de 2014. “Durante anos temos desfrutado das bênçãos resultantes da emissão do *Hope Channel*, ajudando-nos a espalhar a nossa mensagem e agora temos o privilégio de ter os nossos próprios canais para alcançarmos todos os lares do território da Divisão Inter-Americana”, disse o pastor Israel Leito, Presidente da Divisão Inter-Americana. “O nosso principal objetivo a alcançar com os novos canais é o de apresentar o Evangelho à nossa região num contexto

culturalmente relevante. Queremos também dar a oportunidade a todos os grupos de línguas de ministrarem aos falantes dessas línguas, desenvolver novos talentos e auxiliar os telespectadores que estão em busca de respostas espirituais para os seus desafios quotidianos”, explicou Leon Wellington, Diretor de Comunicações da Divisão Inter-Americana. Os novos canais televisivos serão chamados *Hope Channel Americas*, *Hope Channel Caribbean* e *Hope Channel Français*. Criar uma série de programas para ocupar o tempo de antena dos três canais será o primeiro passo antes que eles sejam lançados. Normalmente, para um canal ser inaugurado é necessário que existam 1000 programas no inventário e que haja potencial para produções adicionais. As possibilidades para se alcançar as populações da Divisão Inter-Americana através destes canais são infinitas. O *Hope Channel Français* será o primeiro canal em francês e servirá não apenas as regiões de língua francesa na América Central, mas também outras regiões de língua francesa em todo o mundo, graças à cooperação entre a União



das Antilhas Francesas e da Guiana, a União do Canadá e a Divisão Inter-Europeia. “Nós temos sete Divisões da Igreja onde é falado o francês, pelo que esta colaboração será muito frutuosa”, disse Corrado Cozzi, Diretor de Comunicações da Divisão Inter-Europeia. Esta Divisão abarca populações de língua francesa na França, na Bélgica e na Suíça. Está a ser construído um novo estúdio de televisão em Paris para produzir novos programas que serão adicionados aos 500 programas já existentes no inventário. A União das Antilhas Francesas e da Guiana já possui 224 programas realizados e está pronta para aumentar a sua produção de programas televisivos. Também para a União Canadina esta parceria para lançar o novo canal *Hope Channel Français* é um sonho tornado realidade. “No Quebeque, nós não temos um canal nosso, pelo que esta nova colaboração tornará possível

alcançar 12 milhões de falantes do francês no Canadá e nos Estados Unidos”, disse Daniel Stojanovic, responsável da União Canadina pelo lançamento do novo canal. Financiar os canais será um desafio, dado que muitos centros de multimédia não têm sido capazes de produzir programas por causa de várias limitações, precisando de investimentos na área da criação de cenários, aquisição de equipamento e contratação de pessoal adicional. Mas estas limitações serão ultrapassadas em breve. “Este é o momento ideal para alcançar as massas, uma população que se está a tornar cada vez mais tecnológica e mais céptica, pelo que pode não estar disponível para se deslocar a um auditório como faziam as gerações passadas. Mas a televisão poderá alcançar estas pessoas”, disse o pastor Leon Wellington. Os líderes da Divisão Inter-Americana esperam que os três novos canais sejam lançados ainda este ano. Sob o nome global *Hope Channel Inter-América*, os novos canais por satélite abrangerão a América do Norte, a América Central, as Caraíbas e a América do Sul. ✦

A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA ADOTA POSIÇÃO SOBRE VACINAÇÃO

Ad7/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia emitiu uma declaração oficial sobre a vacinação, salientando que “incentiva a imunização responsável” e que não tem razões baseadas na fé para desencorajar os crentes de participar em programas de imunização. A declaração, que se intitula “Imunização”, diz: “A

Igreja Adventista do Sétimo Dia enfatiza fortemente a saúde e o bem-estar. A ênfase Adventista na saúde baseia-se na revelação bíblica, nos escritos inspirados de Ellen G. White (cofundadora da Igreja) e nas publicações científicas sujeitas a revisão por pares. Como tal, encorajamos a imunização/vacinação responsável, e não temos qualquer razão religiosa ou baseada na fé para não incentivar

os nossos membros a participarem responsabilmente em programas de proteção e de imunização preventiva. Valorizamos a saúde e a segurança da população, que inclui a manutenção da 'imunidade coletiva'. Não somos a consciência do membro de igreja individual e reconhecemos as decisões individuais. Estas são exercidas pelo indivíduo. A decisão de não ser vacinado não é um dogma ou uma



doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nem deve ser vista como tal.”

NOVA FACULDADE DE MEDICINA ADVENTISTA NAS FILIPINAS

ANN/RA

O Ministério da Saúde das Filipinas concedeu a sua aprovação para que se inicie uma Faculdade de Medicina na Universidade Adventista das Filipinas. A nova Faculdade deverá começar a formar médicos em agosto de 2015 e será a primeira Faculdade de Medicina Adventista na Ásia. A Igreja Adventista do Sétimo Dia conta já com cinco Faculdades de Medicina ao redor do mundo. O

programa letivo da nova Faculdade de Medicina foi aprovado pela Comissão de Estudos Universitários das Filipinas e pela Junta Internacional de Educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A nova Faculdade abrirá com 35 estudantes e foi concebida para servir a Divisão Sul da Ásia-Pacífico. A Faculdade de Medicina irá usar o Centro Médico de Batangas como Hospital Universitário, mas estabelecerá também um acordo com o Centro Médico Adventista de

Manila. “Queremos formar médicos que estejam orientados para o serviço, que sejam testemunhas eficazes de Deus e que promovam a missão mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, disse a Dra. Doris Mendoza, líder da nova Faculdade. A Universidade Adventista das Filipinas estabeleceu uma parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos, para o desenvolvimento do *curriculum* e da equipa de professores. A

Igreja Adventista do Sétimo Dia abriu a sua quinta Faculdade de Medicina no Peru em 2012. As outras Faculdades de Medicina estão localizadas na Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos, na Universidade de Montemorellos, no México, na Universidade de River Plate, na Argentina, e na Universidade de Babcock, na Nigéria. Está já a ser planeada a abertura de uma sétima Faculdade de Medicina, na Divisão da África Central Oriental.

DOIS ADVENTISTAS DETIDOS NO BANGLADESH

Ad7/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia comunicou, no passado dia 24 de março, que dois Adventistas foram detidos no Bangladesh para responder a acusações consideradas pouco claras. Ambos foram postos em liberdade e aguardam audiência, disse

Garrett Caldwell, porta-voz da Igreja. A Igreja Adventista está a procurar esclarecer as circunstâncias que envolvem o caso. “A Igreja Adventista do Sétimo Dia atribui a maior importância à liberdade religiosa e ao respeito por todas as tradições religiosas. Sabemos que podem acontecer mal-entendidos em regiões do mundo onde somos uma

minoridade religiosa”, afirmou Garrett Caldwell. “Temos esperança de que esta situação possa ser resolvida, visto que estamos a trabalhar com as autoridades locais no sentido de clarificar o assunto.” Caldwell pediu aos Adventistas de todo o mundo que orassem sobre este assunto. O Bangladesh, um país do Sudeste Asiático que faz fronteira com o Mianmar

e a Índia, conta com a quarta maior população muçulmana do mundo, a seguir à Indonésia, ao Paquistão e à Índia. Com uma população de 157 milhões de habitantes, estima-se que 86% são Muçulmanos, seguidos por Hindus (12%) e Budistas (1%). Os Cristãos compreendem cerca de 0,4% da população.



ADRA PORTUGAL REALIZA II ENCONTRO NACIONAL

Ad7/RA

No fim de semana de 28 de fevereiro a 1 de março de 2015, na Quinta da Fonte Quente, na Tocha, realizou-se o II Encontro Nacional da ADRA Portugal que visa, anualmente, reunir a equipa da sede com os Coordenadores Regionais, os Delegados Locais e os Voluntários, tendo por objetivo passar diretrizes, dar formação e promover a partilha de experiências e boas práticas. Para além da equipa da ADRA, estiveram presentes 74 voluntários com as mais diversas funções a nível regional e local.

Tendo como pano de fundo aprofundar a visão da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a área social e discutir sobre como mobilizar os crentes para a ação, a ADRA teve o privilégio de contar com a especial participação do presidente da UPASD, o pastor António Rodrigues, que salientou que “a área social já faz parte da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia não só em Portugal, mas também em todo o mundo”. O presidente

conduziu os presentes numa reflexão sobre o papel individual e coletivo dos Adventistas no que toca à sua responsabilidade no alívio dos que se encontram em situações de vulnerabilidade, sublinhando que “a área social, o projeto da misericórdia, o projeto da compaixão precisam de ser cada vez mais incutidos no coração de cada membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, para depois serem colocados em prática junto dos seus amigos e da própria Igreja”. Depois de, no encontro do ano passado, se ter ministrado formação sobre como organizar localmente uma Delegação da ADRA, este ano transmitiram-se as linhas orientadoras sobre como dinamizar projetos sociais a nível local. Em pequenos grupos de trabalho, os presentes tiveram a oportunidade de experimentar, através de um exercício prático, como se esboça um projeto. Concluiu-se que, apesar de ser uma tarefa que, à partida, parece complicada e exigente para os que não têm muita experiência, com o apoio de diretivas específicas e o auxílio do escritório, to-



das as Delegações estarão em condições de delinear projetos interessantes e úteis para as comunidades em que estão inseridas. Numa época em que a gestão de recursos humanos, materiais e financeiros se impõe aos voluntários da ADRA como um desafio a superar, foi ainda ministrada, pela primeira vez, uma formação sobre como abordar doadores e parceiros. Sendo certo que a ADRA se distingue pela sua ação e presença ao longo de todo o território nacional, sublinhou-se a importância de divulgar aquilo que de melhor faz, no país e a nível internacional, de modo a captar novas formas de subvenção. Entre outros assun-

tos, falou-se ainda da organização da Campanha Nacional de Solidariedade para 2015, do andamento dos projetos além-fronteiras – sobretudo daqueles apoiados pelo escritório português – e ainda se partilharam algumas ideias relativas a aspirações dos voluntários da ADRA. No final do Encontro sentiu-se que os participantes tinham o coração a transbordar de alegria pelo que já foi possível realizar até ao momento, nestes últimos anos, e pela satisfação de adquirir novas ferramentas de trabalho e de partilhar experiências com aqueles que quotidianamente lutam pelo mesmo objetivo: mudar o mundo, uma vida de cada vez! 

ENCONTRO DOS MINISTÉRIOS DA MULHER EM LISBOA

Ad7/RA

Raquel Arrais, diretora dos Ministérios da Mulher da Conferência Geral, e Kátia Reinert, diretora do Departamento de Saúde da Divisão Norte-Americana, estiveram em Portugal, no sábado 21 de fevereiro, e partilharam com as mais de 120 pessoas presentes na igreja Central alguns tes-

temunhos e experiências que traduzem os últimos 20 anos dos Ministérios da Mulher em todo o mundo. Além de dirigir o culto, Raquel Arrais apresentou um programa de formação para as diretoras locais dos Ministérios da Mulher da Região Eclesiástica de Lisboa e Vale do Tejo e Kátia Reinert proferiu uma palestra sobre Saúde Mental. Visto que o Departamento

dos Ministérios da Mulher completa este ano vinte anos de existência, Raquel Arrais começou a sua apresentação referindo que “este é um momento de render graças a Deus por permitir esta caminhada. Não foi uma caminhada fácil ou um mar de rosas, mas uma caminhada com Deus, onde Ele abriu portas, onde Ele criou oportunidades para as nossas irmãs da Igreja mun-

dial”. A atual diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, Maria da Luz Cordeiro, agradeceu publicamente às suas antecessoras o trabalho realizado neste ministério. Kátia Reinert, por sua vez, salientou que podem e devem ser feitas várias parcerias entre o Departamento da Saúde e os Ministérios da Mulher,



sobretudo no âmbito da saúde mental. Segundo Reiner, “existe, nesta área, um grande potencial na parceria com os Ministérios da Mulher. Precisamos de ajudar as mulheres a entender os sintomas, os tratamentos, a prevenção, tanto da ansiedade como da depressão, pois trata-se de uma das maiores epidemias em todo o mundo. Esta é uma das áreas que mais afeta as mulheres,

verificando-se uma maior incidência da ansiedade e da depressão nas mulheres do que nos homens”. Quem esteve presente na igreja Central de Lisboa, na opinião da diretora nacional dos Ministérios da Mulher, “deu por bem empregue o tempo dispensado, não apenas pelo que viu, mas, sobretudo, pelas mensagens espirituais que encheram de ânimo e alento o coração de todos”.

A IGREJA ADVENTISTA DE PONTA DELGADA IMPLEMENTA A METODOLOGIA “QUERO VIVER MAIS”

Ad7/RA

A igreja de Ponta Delgada convidou o departamental de Saúde e Temperança da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o pastor Daniel Bastos, para lançar a implementação do programa “Quero Viver Mais”. A visita do pastor Daniel Bastos a S. Miguel decorreu entre 6 e 8 de março e teve como um dos objetivos introduzir o “Quero Viver Mais”, um método para se desenvolver atividades, projetos e programas que promovem a saúde integral da pessoa. De acordo com o departamental, esta nova metodologia “está fundamentada na mensagem de saúde confiada à Igreja Adventista pelo Senhor, através da Bíblia e do Espírito de Profecia, e na verdadeira ciência, aquela que está assente em evidências científicas credíveis”. A adoção de hábitos saudáveis ao longo de oito semanas – um hábito por semana – constitui um dos pilares deste programa, que visa promover a prática dos princípios de saúde, assim como a partilha dos mesmos com a nossa sociedade. Pretende-se que esta partilha venha a gerar relacionamentos. Sara Quarta, responsável pelo Departamento de Comunicação da igreja de Ponta Delgada, afirmou que o pastor Daniel Bastos desafiou



a igreja a “colocar em prática hábitos saudáveis para uma melhor qualidade de vida” e a “partilhar com o próximo esses princípios de saúde”. Segundo esta responsável, foram igualmente apresentadas à igreja algumas ideias práticas que poderão ser utilizadas a favor da comunidade da ilha, entre as quais rastreios de saúde e expos-saúde. Os membros de igreja tiveram ainda a oportunidade de aprender a fazer massagens de relaxamento, não só através da visualização de um vídeo, que ensina as técnicas passo a passo, como também pela demonstração prática das referidas técnicas. “A igreja de Ponta Delgada respondeu bem ao desafio que lhe foi lançado”, na opinião do departamental, marcando a sua presença nas reuniões e procurando assimilar a informação recebida a fim de a aplicar à sua realidade. Espera-se que esta metodologia inovadora e criativa alcance os melhores resultados!

DESCANSOU NO SENHOR

IASD Arganil – Pr. António Domingues



A nossa irmã **Adélia Fonseca** descansou no Senhor a 18 de janeiro de 2015, com a idade de cinquenta e nove anos.

Ao esposo, filha, irmã, sobrinhos e restante família, a igreja Adventista do Sétimo Dia em Arganil deseja que Deus os console de modo especial neste momento de dor, sendo certo que todos os irmãos e irmãs da igreja querem contribuir para mitigar a dor que sentem. Recebam as nossas mais sinceras condolências cristãs.

IASD Oliveira do Hospital – Pr. António Domingues



A Irmã **Maria Ilda Cedo** descansou no Senhor a 22 de março de 2015, com a idade de 99 anos.

À filha, netos e restante família, a igreja Adventista do Sétimo Dia em Oliveira do Hospital deseja que Deus lhes supra o consolo de que precisarão para enfrentar este momento de luto. A Irmã Ilda foi membro da igreja Central de Lisboa, professora do Colégio em Portalegre e uma das primeiras Adventistas a obter um doutoramento em Portugal. Os nossos mais sinceros sentimentos cristãos.

A realidade da existência de Deus

Por mais disparatado que isto possa parecer, eu vejo a realidade da existência de Deus por todo o lado. Que algo, seja o que for, exista, é uma poderosa prova da existência de um Criador. Pedras, chaleiras, estrelas – nada veio a existir por si mesmo. A teoria científica na moda, que pretende que o Universo surgiu do nada, é apenas uma especulação metafísica *Ad hoc* trajada com todos os privilégios epistemológicos que a Ciência, com santa hipocrisia, atribui a si mesma.

Como perguntou o famoso filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz: “Por que razão existe algo em vez de nada?” A resposta mais lógica continua a ser aquela que sempre foi: porque um Deus autoexistente e infinito criou tudo o que existe (João 1:1-3). E, também, a evidência de desígnio no mundo criado ainda declara, sem cessar, a existência de um Deus planeador. Um *iPhone* que aparenta ser concebido por desígnio, que funciona por desígnio, que revela a existência de desígnio na sua estrutura interior e exterior e que opera apenas através de um desígnio inteligente é, claro está, o fruto do desígnio humano. Mas um ser humano que aparenta ter sido concebido por desígnio, que age como resultado de desígnio, que revela a existência de desígnio na sua estrutura

interior e exterior e que opera apenas através de um desígnio inteligente é claro que (como nos asseguram “os melhores e os mais brilhantes”) não é fruto do desígnio de um Criador.

Em quem devo eu acreditar? Em Richard Dawkins, Charles Darwin e Christopher Hitchens ou nos meus olhos e no meu cérebro (bem como em Moisés, Isaías, Paulo, João e Jesus)?

A maior questão que leva as pessoas a duvidarem da existência de Deus é a prevalência do Mal. Mas nada na premissa que afirma a existência de um Deus amoroso, onisciente e onipotente exige dedutivamente que o Mal não exista. O tema do Grande Conflito forma um modelo explicativo que me permite avançar movido pela fé, apesar do Mal que aflige a nossa alma.

É certo que alguém pode argumentar justificadamente que, com este modelo explicativo, eu estou a trabalhar a partir de pressuposições *a priori* sobre o modo como o mundo funciona, embora (confie em mim!) não se trate de um modelo *a priori*. No entanto, ele é fundado em pressuposições. Mas, e qual é o problema? Não se pode crer em nada sem pressuposições. O que importa é ter aquelas que são as corretas.

Desde o meu início como crente em Jesus debati-me com a seguin-

te questão: *Com tantas fés, perspectivas e religiões que existem por aí, como é que eu sei que o Adventismo do Sétimo Dia é a verdadeira perspectiva?* Bernie Molnar, um dos meus primeiros amigos Adventistas do Sétimo Dia, respondeu imediatamente: “Bem, realmente não é irracional pensar que, com todas as diferentes perspectivas que andam por aí, pelo menos uma delas é verdadeira.” Como apreciei a sua resposta nesse momento! E hoje, 34 anos depois, ainda me apoio nela.

Posso ouvir os chamados progressistas ralar e protestar sobre como é arrogante, triunfalista e obtuso afirmarmos que temos a verdade. *Oh!, deixa-os gritar.* Já estou habituado ao triste facto de que, nos meus 34 anos como membro da Igreja, tive de enfrentar mais oposição à minha fé de supostos Adventistas do que de qualquer outro grupo. Eu vejo a realidade da existência de Deus em toda a parte. E quanto mais frequentemente eu reflito sobre tudo o que existe – casas, borboletas, *iPhones* – mais concluo que é uma verdade apodítica que existe um Criador.

E com a grande revelação sobre Ele na Bíblia, que inclui provas poderosas para a ressurreição de Jesus, juntamente com o ministério confirmador de Ellen White, e com as minhas experiências transformadoras vividas com Jesus, que mais posso ser, senão um Adventista do Sétimo Dia? Crer que temos a verdade não significa que temos todas as respostas. Como posso eu perceber o Holocausto, a Trindade ou Daniel 11? Eu não posso. Mas, quem se importa com isso? Ainda assim, eu vejo Deus em tudo o que existe, mesmo naquilo que não percebo. ✨

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina



Antigo *ostracon* regista as deambulações da Arca da Aliança

No tempo dos juízes, Israel sofreu uma grande adversidade quando perdeu a Arca da Aliança, capturada pelos Filisteus e mantida em poder destes durante vários meses (veja I Samuel 4-7). Os Filisteus tinham concentrado as suas tropas em Afec, na planície central junto da costa. Para responder a esta ameaça de invasão, as tropas israelitas desceram do terreno montanhoso e acamparam em Ebenezer.

Hoje, o antigo sítio de Afec encontra-se situado num parque gerido pela vila de Petah Tikvah, no lado leste de Tel Aviv, em Israel. Até a uma data recente, a localização de Ebenezer era desconhecida. Graças a algumas escavações realizadas pelos arqueólogos da Universidade de Tel Aviv

num sítio chamado Izbet Sartah, hoje temos um local candidato a ser identificado como sendo o antigo sítio de Ebenezer. Este sítio localiza-se na parte baixa dos contrafortes do limite oriental da planície costeira, apenas a um ou dois quilómetros do local de Afec. Entre estes dois locais estão localizados uma estrada, um ramal ferroviário e campos de cultivo. Estes campos terão sido a localização do confronto entre as tropas israelitas e filisteias.

Na verdade, duas batalhas tiveram lugar aqui. A primeira resultou em sérias perdas para os Israelitas, mas deixou-os, ainda assim, com um exército viável. Os anciãos de Israel reuniram-se no acampamento após esta derrota e puseram-se a perguntar: “Porque nos feriu o Senhor hoje, diante dos

filisteus?” I Samuel 4:3. Eles julgaram encontrar uma solução para o seu problema: “Tragamos de Silo a Arca da Aliança do Senhor, e venha no meio de nós, para que nos livre da mão dos nossos inimigos” (I Samuel 4:3).

Foi isto que eles fizeram. Eles enviaram mensageiros a Silo e Hofni e Finéas, os filhos de Eli, e trouxeram a Arca até ao acampamento dos Israelitas. Isto encorajou as tropas israelitas. Quando os sacerdotes entraram no acampamento com a Arca, os Israelitas gritaram de modo tão forte que os Filisteus puderam ouvir os gritos no seu acampamento. Aquilo que tinha encorajado os Israelitas veio trazer desencorajamento aos Filisteus, que resolveram comportar-se “como homens” no campo de batalha, mesmo face à oposição do Deus de Israel.

Quando se encontraram no campo de batalha no dia seguinte, as tropas de ambos os lados foram surpreendidas pelo resultado. O conflito resultou numa derrota maciça para os Israelitas, na morte de Hofni e Finéas, os responsáveis pela Arca da Aliança, e na perda da própria Arca, precisamente o objeto que os Israelitas pensavam que lhes garantiria a vitória. Eles tinham trazido a Arca para a batalha, como se fosse um talismã mágico, tentando manipular Deus, de modo a que Ele os ajudasse.

O regozijo dos Filisteus por causa da sua grande vitória em breve se transformou em pranto. Quando as tropas regressaram ao seu território, as autoridades colocaram a Arca no templo de Dagon, o seu deus, na cidade costeira de Asdod. Daí resultou o desastre tanto para Dagon como para a população. Dagon foi encontrado caído no chão em frente à Arca. Pior do que isto, desencadeou-se uma epidemia na cidade. As pessoas sofriam de “tumores”, provavelmente nódulos linfáticos inflamados como efeito da peste bubónica. O povo concluiu que estes reveses resultavam de terem a Arca no seu meio, pelo que decidiram livrar-se dela.

Quando o povo de Asdod se queixou, os governantes dos Filisteus ordenaram que a Arca fosse removida para a cidade de Gath, uma cidade filisteia afastada da costa. Quando o povo de Gath sofreu a mesma catástrofe, a Arca foi levada para Ecron, outra cidade dos Filisteus. Mas o povo de Ecron recusou recebê-la, exigindo que a Arca fosse devolvida a Israel. Os governantes dos Filisteus concordaram e a Arca foi devolvida aos Israelitas que estavam em Beth-Semes.

No total, a Arca esteve no território filisteu durante sete meses,

e os Filisteus enviaram-na de volta com uma oferta especial para apaziguar *Yahweh* e fazer cessar as Suas pragas.

Devido à escavação do sítio de Afec e do sítio provável de Ebenezer, coloca-se a questão de saber se algo encontrado num destes dois locais lança alguma luz sobre este episódio bíblico. Embora o sítio de Afec tenha revelado ser muito interessante em termos arqueológicos (ele foi a residência de um governador egípcio em Canaan durante o século XIII a.C.), nada foi encontrado que se relacionasse com a batalha que estamos a considerar.

O ostracon de Izbet Sartah

Mas o sítio de Izbet Sartah revelou um objeto que é do mais elevado interesse para esta história. O sítio localiza-se numa pequena colina, na extremidade exterior dos contrafortes de Israel. À data da batalha, o povoado não era grande, consistindo apenas de um pequeno complexo de habitações. Estas habitações apresentam um tipo de construção típico dos Israelitas do tempo dos juízes. Elas consistem em quatro quartos ordenados de um modo paralelo e perpendicular.

Num pequeno pátio no lado norte deste sítio encontraram-se vários silos de cereais, que foram escavados no solo e numa saliência rochosa. Um dos silos continha um *ostracon* de tamanho razoável. (Um *ostracon* é um caco de cerâmica no qual se escreveu, seja com pena e tinta, seja por raspagem.) Este *ostracon* particular tem o tamanho da palma da mão de um homem. As letras que ele contém foram raspadas na superfície do caco.

Quando o *ostracon* foi encontrado, surgiu uma discussão entre os escavadores. Alguns pensavam que ele tinha algo escrito; outros pensavam que não. Por fim, o fragmento foi mostrado a dois dos voluntários menos formados arqueologicamente, para que eles opinassem sobre se ele tinha ou não algo escrito. Eles decidiram que o caco realmente tinha algo escrito, pelo que o caco de cerâmica foi guardado como sendo um objeto especial.

Levou a Aaron Demsky, um académico israelita, apenas uma semana ou duas para determinar que a última linha escrita do caco era um exemplo primitivo das 22 letras do alfabeto hebreu. Isto foi



um grande avanço na compreensão do texto. Foi assim fornecida a chave que permitiu decifrar as outras quatro linhas de texto. Infelizmente, estas linhas mostraram-se ser muito difíceis de ler. A maioria dos acadêmicos que trabalhou na decifração do *ostrakon* desistiu, concluindo que a escrita que nele se vê seria um texto realizado por um escriba que escreveu as letras do alfabeto de modo aleatório, apenas para praticar a escrita.

A primeira pista de que as primeiras quatro linhas do *ostrakon* eram um texto inteligível foi dada por outro acadêmico israelita, Aron Dotan. Num artigo publicado, ele argumentou que o texto situado por cima da linha com o alfabeto falava acerca da oferta de algumas vestes por uma pessoa a outra, as quais eram ambas nomeadas no texto. Ele descobriu o nome Baal como parte do nome de uma dessas pessoas; ele descobriu a palavra “veste” no início da segunda linha e encontrou o verbo “vir” em três das quatro linhas do texto. Estas intuições representaram um importante avanço para a compreensão do texto.

O *ostrakon* parecia refletir um estágio primitivo no desenvolvimento da escrita em hebreu. O hebreu bíblico lê-se da direita para a esquerda, mas a escrita no *ostrakon* tem que ser lida da esquerda para a direita para dar sentido a qualquer uma das suas palavras.

Eu fui levado a estudar este texto depois de ler o artigo de Dotan. Inicialmente, interpretei o texto de um modo semelhante ao dele, isto é, como sendo um texto sobre uma doação. No entanto, eu sugeri que as vestes tinham sido dadas a uma estátua de Baal num templo e não a um indivíduo cujo nome pessoal incorporasse o nome de Baal. Eu escrevi um artigo com as mi-

nhas descobertas e enviei-o para uma revista científica, que aceitou publicá-lo. Enquanto aguardava que o meu artigo fosse publicado, acabei por chegar a conclusões diferentes sobre o texto, pelo que retirei o artigo.

As perguntas de um estudante pós-graduado acerca do *ostrakon* levaram-me de volta ao seu estudo. Desta vez, notei que Dotan e eu havíamos lido incorretamente a primeira palavra no começo da segunda linha. Tínhamos interpretado as consoantes como sendo *ktn*, que representariam a palavra hebraica *ketonet*, “veste”. Mas uma observação mais atenta revelou que a palavra lida mais corretamente era *kttm*, isto é, *Kittim* (acrescentando-se as vogais).

A palavra *kittim* denotava originalmente o povo de Chipre, mas em breve passou a designar qualquer povo que penetrasse no Médio Oriente a partir do Mediterrâneo: os “Povos do Mar”. Dado que os Filisteus faziam parte deste grupo de povos, interroguei-me se este texto não teria algo a ver com os contactos entre Filisteus e Israelitas.

O trabalho posterior sobre fotografias do texto revelou alguns nomes de lugares na segunda metade da segunda linha e na terceira linha. Dado que dois dos nomes apareciam na história da perda da Arca para os Filisteus, comecei a pensar que este texto poderia ser uma referência extrabíblica a esse acontecimento.

Elucidar este assunto exigiu bastante trabalho. Tenho o prazer de apresentar aos leitores, num formato popular, os resultados desta investigação. Neste artigo, forneço uma apresentação do texto, linha a linha, e proponho uma transliteração e uma tradução. A apresentação do texto por linhas é realizada a partir de uma compa-

ração das fotografias do texto que foram publicadas nas revistas académicas com o original que está em exposição no Museu de Israel, em Jerusalém.

Na transliteração e na tradução que se seguem, o traço ao alto indica a fissura no meio do caco de cerâmica.

Linha 1 – 'el idy 'atyn / 'apq msl

Eles vieram até ao campo, / (até) Afec de Silo.

Linha 2 – kttm lqh'at l'azr / dgn b'l'asdd gt

Os Kittim levaram-(na) e vieram até Azor, (a) / Dagon, o senhor de Asdod, (a) Gath,

Linha 3 – y'rm qryh

(e a) Yearim Kiriah.

Linha 4 – r' rglm Hpn 'at lgh / d zqnm sws ba''al 'ah lqbrn

O companheiro dos soldados apeados, Hofni, veio para / dizer aos anciãos: “Um cavalo chegou (e) sobre (ele estava o meu) irmão para nós o sepultarmos.”

Linha 4 – 'a, b, g, d, h, n(l), w, h, z, t, y, k, /, m, / s, p, ', s, q, r, s/s, t

O alfabeto hebraico.

Decifrar o ostrakon

A primeira metade da primeira linha pode ser lida com relativa facilidade. A segunda metade é mais difícil porque o caco se encontra danificado. Esta linha conta a aproximação do campo de batalha por parte dos Israelitas, onde eles vieram a confrontar-se com os Filisteus.

A primeira parte da segunda linha também é mais fácil de ler do que a segunda parte. A primeira palavra, *Kittim*, uma designação para os Povos do Mar, inclui os Filisteus. Sgue-se o verbo “levar”.



Consultando a narrativa bíblica, podemos inferir que o objeto levado deve ter sido a Arca. Segue-se o verbo “vir” e, depois, vem a proposição (*le*), que introduz uma série de nomes de lugar.

O primeiro nome indicado antes da fissura no caco pode ser lido claramente como “Azor”. A Bíblia não menciona Azor, mas outras fontes antigas, tais como os *Anais de Sennacherib*, mencionam-na. Estas fontes indicam-nos que Azor estava situada no centro da planície costeira. Algumas breves escavações realizadas nesse sítio revelaram o seu perfeito caráter filisteu.

No final da segunda linha, ao longo da margem do caco, aparece o nome de Asdod. Logo abaixo dela estão as duas letras *gt* que significam “Gath”. (Os textos antigos, incluindo os manuscritos bíblicos pré-cristãos, não usavam letras vogais.)

A terceira linha, mais curta, mostrou-se difícil de interpretar até que eu reconheci que as palavras estavam relacionadas com o topónimo Kiriath-Jearim, mas o escritor tinha invertido a ordem dos dois nomes na palavra. A inversão dos dois elementos no nome pode ter sido realizada de

modo propositado, de forma a indicar a direção do movimento do regresso da Arca ao território israelita. Após uma paragem muito curta em Beth-Semes, a Arca veio a ser depositada em Kiriath-Jearim durante vinte anos. Esta estadia mais longa e mais significativa indica, provavelmente, porque o texto não menciona Beth-Semes.

Dos quatro topónimos escritos na segunda e na terceira linhas, três ocorrem na narrativa bíblica de I Samuel 4-7: Asdod, Gath e Kiriath-Jearim. A menção de Azor aumenta o nosso conhecimento sobre as paragens que a Arca fez ao viajar pelo território filisteu. Esta paragem foi, provavelmente, uma simples pausa no caminho durante o regresso da Arca ao território filisteu; uma paragem curta em comparação com as paragens mais demoradas nas cidades mais importantes que também são mencionadas.

O *ostracon* passa por cima do último sítio filisteu mencionado na Bíblia (Ecron) e também passa por cima do primeiro sítio israelita para onde regressou a Arca (Beth-Semes). A menção de Ecron apenas teria acrescentado

mais um nome à lista dos sítios da Filisteia citados e a importância relativa de Kiriath-Jearim já foi mencionada atrás. Se eu li corretamente a parte difícil do texto no meio da segunda linha, este texto também implica um conhecimento da confrontação que ocorreu entre *Yahweh* e Dagon em Asdod.

A primeira linha do *ostracon* refere-se, portanto, à vinda de Israel para a batalha. A segunda e a terceira linhas mencionam os sítios por onde a Arca viajou após os Filisteus a terem capturado, incluindo um sítio israelita para onde ela regressou. A quarta linha regressa à cena da batalha, para nos dar um vislumbre íntimo sobre os eventos que ocorreram na batalha. O nome Hofni, escrito com um grau razoável de clareza, surge na linha final do relato. Hofni é descrito como regressando ao acampamento, juntamente com alguns soldados, para relatar o curso da batalha aos anciãos que aí aguardavam. A batalha ainda não terminou, mas ele já podia apresentar um relatório que denunciava uma conclusão desastrosa. No seu relatório ele disse aos anciãos: “Um cavalo chegou



(e) sobre (ele estava o meu) irmão para nós o sepultarmos.”

Esta afirmação revela um toque de pungente artifício literário. Vendo que Hofni regressou ao acampamento de mãos vazias e ouvindo que o seu irmão foi morto, os anciãos recebem toda a informação de que precisam para compreenderem o destino da Arca. Ela foi perdida na batalha!

Conclusão

Em suma, observamos que o *ostrakon* fornece o mesmo esboço geral sobre os acontecimentos que oferece I Samuel 4-7. O relato bíblico inclui, naturalmente, mais detalhes do que inclui este breve texto de quatro linhas. No entanto, há alguns detalhes registados no caco de cerâmica que não são referidos no registro bíblico.

Por exemplo, o texto faz notar que as tropas israelitas se reuniram para a batalha na localidade de Silo (a localização do tabernáculo), a cerca de 30 a 32 quilómetros de Afec. Podemos imaginar que Eli ofereceu sacrifícios em favor dos guerreiros e enviou-os com a sua bênção sacerdotal. O texto também se refere a Azor como sendo a primeira paragem do exército filisteu, ao regressar da batalha. O relato bíblico não menciona este local, provavelmente porque ele serviu apenas

para uma pausa no caminho. O registro bíblico descreve a cena em Silo, quando foram recebidas as notícias da derrota desastrosa. Mas o texto do *ostrakon* indica que Hofni trouxe informações mais imediatas sobre o decurso do conflito aos anciãos que estavam no acampamento-base, enquanto a batalha estava ainda a decorrer.

O resultado final, mais tarde comunicado a Eli em Silo, podia já ser visto como estando em desenvolvimento e sendo provavelmente inevitável mesmo por essa altura. Este detalhe também nos oferece um enquadramento temporal relativo sobre a ocorrência da morte dos dois irmãos sacerdotes. Finéas morreu antes de Hofni, pois Hofni comunicou a sua morte ao acampamento-base. Hofni então voltou para a batalha, tendo também tombado aí.

A julgar pelo seu conteúdo, um escriba que estava bem informado sobre os detalhes do trágico conflito escreveu este relato da batalha de Afec e dos eventos com ela relacionados, após a Arca ter regressado a Kiriath-Jearim.

Não contando com este texto do *ostrakon* de Izbet Sartah, a mais antiga referência que conhecemos de uma fonte extrabíblica a um acontecimento do tempo do Antigo Testamento é a inscrição de Shishak na parede do templo de Karnak, no Egito. Aí ele refere-

-se à campanha mencionada em I Reis 14:25 e 26. Esta campanha ocorreu na segunda metade do décimo século a.C.. A campanha filisteia descrita em I Samuel 4-7 e no *ostrakon* de Izbet Sartah ocorreu na primeira parte do décimo primeiro século a.C., ou seja, cerca de um século e meio mais cedo do que a campanha de Shishak.

A mais antiga referência extrabíblica a uma *pessoa* conhecida pelo Antigo Testamento ocorre em vários textos assírios, que nomeiam Omri, o rei de Israel que construiu Samaria para ser a sua capital. Neste novo texto nós temos uma menção, pelo nome, de um indivíduo do décimo primeiro século que é conhecido na Bíblia, uma indicação realizada cerca de dois séculos antes do tempo de Omri.

Assim, embora difícil de ler, o *ostrakon* de Izbet Sartah aumentou em aproximadamente dois séculos o nosso conhecimento sobre acontecimentos e pessoas mencionados tanto na Bíblia como em fontes extrabíblicas. E também nos proporcionou vários novos dados informativos sobre o importante episódio descrito em I Samuel 4-7, a batalha de Afec e os acontecimentos que a rodearam. ♠

William H. Shea

Professor Universitário

BIBLIOGRAFIA

- M. Kochavi, "An Ostrakon of the Period of the Judges From 'Izbet Sartah'", *Tel Aviv* 4 (1977), pp. 1-13. (Um relato preliminar sobre a escavação em 'Izbet Sartah e sobre a descoberta do *ostrakon*.)
- I. Finkelstein, *Izbet Sartah: An Early Iron Age Site Near Rosh Ha'ayin*. Israel, BAR, International Series 299. Oxford: BAR, 1986 (O relatório final sobre as escavações em 'Izbet Sartah).
- A. Demsky, "A Proto-Canaanite Abecedary Dating From the Period of the Judges and Its Implications for the History of the Alphabet", *Tel Aviv* 4 (1977), pp. 14-27. (O deciframento inicial do alfabeto no *ostrakon*.)
- A. Dotan, "New Light on the 'Izbet Sartah Ostrakon'", *Tel Aviv* 8 (1981), pp. 160-172. (A tentativa de decifração do texto do *ostrakon* no seu todo.)
- W. Shea, "The 'Izbet Sartah Ostrakon'", *Andrews University Seminary Studies*, 28(1) (Spring 1990), pp. 59-86. (A decifração sobre a qual está baseado este artigo.)



TER E NÃO TER

Em 27 de agosto de 1910, na cidade de Skopje (que fica atualmente na Macedónia), nasceu uma menina numa família de origem albanesa. Os pais deram à bebé o nome de Agnes Gonxha Bojaxhiu. A pequena Agnes cresceu e, quando completou 12 anos, já sabia o que queria fazer com a sua vida. Agnes queria ajudar os pobres. As missionárias em Bengali, na Índia, enviavam relatórios para a Macedónia sobre o trabalho por elas desenvolvido. Ler estes relatórios inspirava Agnes e ela também queria ajudar os pobres na Índia. Quando ela era uma adolescente, deixou o seu lar para se juntar a uma comunidade de freiras irlandesas que tinham uma missão em Calcutá. Ela adotou o nome de Teresa, sendo conhecida como “Irmã Teresa”. Durante cerca de vinte anos, a Irmã Teresa foi professora e diretora do Colégio de Santa Maria em Calcutá.

Mas, em 1946, algo aconteceu que mudou para sempre a vida da Irmã Teresa. Ela adoeceu. Os mé-

dicos pensavam que tinha tuberculose, uma doença dos pulmões muito grave, pelo que foi enviada para Darjeeling para recuperar a sua saúde. Enquanto viajava no comboio para Darjeeling, a Irmã Teresa sentiu que Deus lhe estava a dizer para ela O seguir até aos bairros de lata e servir os mais pobres entre os pobres.

Assim, ela fez um curso médico e dirigiu-se para os bairros de lata de Calcutá para começar uma escola para as crianças. Quando a Irmã Teresa encontrou – deitada à frente da entrada de um hospital de Calcutá – uma mulher que estava quase a morrer, sem cuidados, ela tomou conta dessa mulher até ela morrer. Então, a Irmã Teresa fundou um lar para os pobres moribundos: O *Lar Nirmal Hriday* (Lar do Coração Puro). Agora, pessoas sem casa e outros párias da sociedade tinham um lugar para onde podiam vir para serem acompanhados até que morressem. Eles eram lavados, alimentados e era-lhes permitido morrer com dignidade.

Em 1979, Agnes Gonxha Bojaxhiu, conhecida mundialmente como Madre Teresa, recebeu o Prémio Nobel da Paz. Ela aceitou o prémio em nome dos “indesejados e dos desamparados”, usando o mesmo *sari* (vestido indiano) branco e azul de um dólar que começara a envergar quando fundou a sua Ordem religiosa.

Madre Teresa deu tudo – deu de si mesma – aos pobres. Mesmo quando recebia alguma propriedade de valor, ela não a conservava para si. Quando lhe foi oferecido um automóvel *Lincoln Continental*, em vez de o usar, leiloou-o e usou o dinheiro para fundar uma colónia para leprosos em Bengali Ocidental.

Até ao dia da sua morte, 5 de setembro de 1997, Madre Teresa, a mulher que nada tinha, era uma das pessoas mais ricas da Terra, muito mais rica do que Bill Gates ou Donald Trump. E, ao contrário destes, as riquezas que reuniu nunca se poderão perder, nem poderão ser roubadas. ✦

Retirado da revista Guide

A beneficência de Deus

– Lendo nas entrelinhas de uma história bem conhecida

“AINDA HÁ UM FILHO DE JÓNATAS, ALEIJADO DE AMBOS OS PÉS” (II SAMUEL 9:3).

Eu lembro-me claramente da primeira vez que a minha mãe me contou a história de David e Mefiboseth. Eu gostei dela de imediato. O aleijado Mefiboseth teve a maior surpresa de toda a sua vida. Esta história é muito tocante. Mal sabia eu que a história tinha mais a ver comigo do que eu pensava então. Eu era uma miúda e a história de Mefiboseth é uma apreciada história de crianças – mas é também muito mais do que isso. Jesus indicou aos Seus discípulos a caminho de Emaús que as Escrituras (o nosso Velho Testamento, que era a Bíblia de Jesus) testificam d'Ele (Lucas 24:30, 44). É maravilhoso que o principal propósito dos escritos do Velho Testamento é prefigurar Cristo e mostrar a Salvação vinda de Deus, ou pelo menos alguns dos

seus aspetos. Eu interrogo-me sobre o que a história de Mefiboseth nos diz sobre Deus.

Pelo amor de Jónatas

Quando eu estudo uma passagem bíblica, primeiro leio cuidadosamente toda a história – até mesmo repetidamente. Quanto mais estivermos familiarizados com um texto, mais detalhes descobrimos que nos ajudam a ver o seu significado óbvio, bem como a sua mensagem mais profunda. Obviamente o contexto que rodeia a história é muito importante e requer a nossa atenção. A história de II Samuel 9 passa-se depois de Israel ter obtido vitórias militares sobre as nações circunvizinhas (II Samuel 8:14). Por esta altura, David interroga-se sobre se restou alguém vivo da casa de Saúl, “para que lhe faça bem, por

amor de Jónatas” (II Samuel 9:1). É-nos lembrado o facto de que David e Jónatas partilhavam uma amizade profunda que atravessava as fronteiras familiares e que cresceu, apesar de Saúl, pai de Jónatas, perseguir David.

O leitor atento do primeiro livro de Samuel também se recorda de que David e Jónatas fizeram uma aliança (I Samuel 18:1-4; 20:14 e 15; 23:16-18). Numa certa ocasião, Jónatas tinha dito “E, se eu, então, ainda viver, porventura não usarás comigo da beneficência do Senhor, para que não morra? Nem tão-pouco cortarás da minha casa a tua beneficência eternamente: nem ainda quando o Senhor desarraigar da terra a cada um dos inimigos de David?” (I Samuel 20:14 e 15). Embora Jónatas já estivesse morto quando David finalmente se



tornou rei sobre Israel (II Samuel 5), David nunca esqueceu o seu juramento; é fascinante ver que ele se recordou do seu voto exatamente depois de ter alcançado as suas vitórias militares, como indicavam as palavras de Jónatas.

Resta alguém?

David interrogou-se sobre se restaria alguém da família de Saúl a quem ele pudesse fazer bem “por amor de Jónatas” (II Samuel 9:1). Um antigo servo de Saúl, de nome Ziba, foi chamado por ele. A pergunta de David para confirmar a identidade de Ziba recebe uma resposta intrigante: “Sou servo teu.” Ziba clarifica assim a sua lealdade ao novo rei, David.¹ Mas David não parece estar interessado na lealdade de Ziba. Ele interroga-se: “Não há ainda algum da casa de

Saúl, para que use com ele de beneficência de Deus?” (II Samuel 9:3). Quase se pode sentir uma tensão positiva, antecipadora, nesta pergunta. “Ainda há um filho de Jónatas, aleijado de ambos os pés”, responde Ziba. Que resposta estranha. Ziba sublinha dois factos. Primeiro, há um filho de Jónatas. Segundo, ele é aleijado de ambos os pés. Não é dado nenhum nome, nenhuma idade ou qualquer outra descrição. Ziba indica mais tarde onde vive o filho de Jónatas, pelo que ele seguramente conhecia o seu nome. No entanto, por alguma razão não mencionada, Ziba não considerou o nome do filho de Jónatas suficientemente importante para ser mencionado. Mas a sua invalidez pareceu ser significativa.

David ficou interessado. Um filho de Jónatas, o seu querido amigo! Nada era mais importante do que conhecer o seu paradeiro. Depois da resposta de Ziba, David mandou buscar este filho do seu falecido amigo. O que se seguiu foi um encontro altamente emocional – embora a sua descrição seja algo curta. No entanto, o elemento comovente não reside tanto na tocante descrição do seu encontro, mas em alguns detalhes fornecidos pela história que apontam para uma verdade maior e mais impressionante.

Servo ou filho?

Prostrando-se perante David reverentemente, e assim reconhecendo a sua posição (e o seu perigo) como descendente do rei derrubado, o filho de Jónatas ouviu o seu próprio nome. David não fez mais nada ao ver o filho do seu querido amigo senão chamar pelo seu nome: “Mefiboseth!” Encontrando-se com David pela primeira vez, Mefiboseth segue o exemplo de Ziba: “Eis aqui teu servo” (II Samuel 9:6), enfatizando assim a sua

lealdade. Não há qualquer reivindicação sobre o trono, não há qualquer acusação. Ele sabia que David era o rei e que ele tinha poder para fazer tudo o que quisesse.

Fosse o que fosse que Mefiboseth estivesse à espera neste momento, ele certamente não estava à espera do que se seguiu. Depois de o chamar pelo seu nome, e assim reconhecer a sua identidade, David encorajou Mefiboseth a não ter medo (II Samuel 9:7). David teve misericórdia dele, dizendo algo como: “*Estás seguro, porque o teu pai era meu amigo. Tu e eu temos um ente querido em comum.*” Mas David não se deteve aqui: “Te restituirei todas as terras de Saúl, teu pai” (II Samuel 9:7). David devolveu a Mefiboseth o que lhe tinha pertencido originalmente: a terra do seu antepassado Saúl. No entanto, David ainda não tinha terminado. “E tu, de contínuo, comerás pão à minha mesa” (II Samuel 9:7). O texto bíblico menciona quatro vezes a frase “comer à mesa do rei”, sublinhando um ponto significativo. *O que significa este último favor, senão que se trata de uma declaração de adoção?*

Rendendo novamente homenagem a David, Mefiboseth perguntou: “Quem é o teu servo, para tu teres olhado para um cão morto tal como eu?” (II Samuel 9:8). Não está relatada qualquer resposta de David. A imagem do cão morto tinha sido usada pelo próprio David vários anos antes, ao fugir ele de Saúl, o avó de Mefiboseth. Sendo inocente, David sentiu-se como *um cão morto* perseguido que estava a ser caçado sem misericórdia (por exemplo, I Samuel 24:14). Mas, sem qualquer sentimento de amargura ou de vingança contra a família de Mefiboseth, David agora fortalece a sua casa real com membros da família do caído rei Saúl.

Ficamos com a impressão de que, após comunicar estes favores

a Mefiboseth, David volta-se para Ziba para completar a obra de misericórdia, dando a Ziba ordens detalhadas. A propósito de lealdade, é extraordinário que David reconheça plenamente Saúl como senhor de Ziba. Por três vezes a frase “o filho do teu senhor” é repetida. Estando em paz com o seu passado, David proveu ativamente um futuro positivo a alguém que não o esperava.

Sobre mesas e sacerdotes

Várias pistas neste texto e em textos conexos iluminam e enfatizam o principal tema da história. Consideremos dois aspetos significativos.

Uma mesa deixada, uma mesa oferecida: Quando a história refere que David disse a Mefiboseth: “tu, de continuo, comerás pão à minha mesa” (II Samuel 9:7), a palavra “mesa” é usada aqui de novo depois de um longo tempo sem ter sido usada. A última vez que ela apareceu nos livros de Samuel foi quando o próprio David deixou uma mesa, a mesa de Saúl, por causa do perigo que corria (I Samuel 20). Muitos anos depois, e após muitos capítulos, a mesma palavra “mesa” aparece de novo em II Samuel 9. A patente falta de confiança de Saúl em Deus e em David tinha levado à fuga de David, à sua ausência da mesa do rei e ao afastamento da família real (veja também I Samuel 25:44). No caso de Mefiboseth, estes elementos foram invertidos: A graça e a confiança de David levaram-no a estender um convite a Mefiboseth para que partilhasse a mesa do rei e a incluí-lo na família real. Foi a fidelidade de David a uma aliança com Jónatas que acabou por suscitar as bênçãos que recaíram sobre Mefiboseth.

Os filhos de David

Mefiboseth foi incluído como comensal de David “como um dos filhos do rei” (II Samuel 9:11). O

final do capítulo 8 diz-nos que “Os filhos de David eram sacerdotes” (II Samuel 8:18).² O final do capítulo 9 diz: “E [Mefiboseth] era coxo de ambos os pés” (II Samuel 9:13). Esta ligação lexical que fornece mais informação é interessante. Levantase a questão de se saberse Mefiboseth também se tornou num sacerdote. Lembramo-nos das regras sobre os descendentes de sacerdotes que tinham defeitos (Levítico 21:16-23). Membros (masculinos) de famílias sacerdotais que tivessem “deformidade” (lesões, invalidez, etc.) não estavam autorizados a servir como sacerdotes no santuário. No entanto, aquilo que parece ser francamente discriminatório tinha um profundo sentido espiritual.

Através do santuário, Deus demonstrava como se resolve o problema do pecado. Para fazer isso, Ele definiu legislativamente *como* os Seus sacerdotes O deveriam servir. Importantes proibições e regras (impondo lavagens, etc.), antes de cumprirmos os seus deveres sacerdotais, asseguravam que qualquer associação com fenómenos de decadência e morte humanas (ao tocar em cadáveres, ao ter um fluxo, ao ser inválido, etc.) era claramente evitada, porque Deus estabeleceu uma linha separadora muito estrita entre o culto dador de vida e os cultos focados na morte das outras nações.³ No entanto, a coisa mais espantosa é o facto de que, embora um membro de uma família sacerdotal com uma “deformidade” não estivesse autorizado a servir no santuário, a sua sobrevivência estava assegurada: “o pão do seu Deus poderá comer” (Levítico 21:22). Sim, ele podia comer livremente à mesa de Deus.

A bondade de Deus

David propôs-se mostrar “a beneficência de Deus” (II Samuel 9:3). O que é a beneficência de Deus?

O que fez David a Mefiboseth? A beneficência de David incluiu: (1) Tratar Mefiboseth pelo seu nome e, assim, reconhecer a sua identidade; (2) encorajamento (“Não temas!”); (3) mencionar por amor de quem a graça lhe era estendida; (4) devolução das terras ancestrais; e (5) adoção na família real, provendo-lhe assim um futuro.

Todos nós somos descendentes de um rei caído em desgraça – Adão –, cuja desobediência nos arruinou. A Terra foi perdida. Fomos tornados inválidos. Não conhecíamos o Ungido, o verdadeiro Rei. Até ao dia em que O encontramos e Lhe permitimos que nos desse não apenas misericórdia, mas graça, resultando em encorajamento, restauração e adoção. Deus Pai e Cristo fizeram uma aliança para a nossa salvação. É graças à nossa conexão com Cristo que podemos viver. É por amor de Cristo! A nossa ligação com Ele – semelhante à ligação de Mefiboseth com Jónatas – é a relação redentora. No entanto, não foi apenas Cristo que nos amou, mas o próprio Deus Pai nos amou (João 3:16). Nós somos mais do que apenas servos – podemos ser filhos e filhas do Rei supremo.

Já agora: Reparou que David nem sequer mencionou a invalidez de Mefiboseth? Ela era significativa para Ziba, mas não importava para David. David viu apenas a pessoa – uma pessoa a quem ele podia mostrar a beneficência de Deus. ♣

• **Angelika Kaiser**

Doutorada em Linguística

1. É bem sabido que os descendentes e os servos mais próximos de um antigo rei se encontravam em perigo ao subir ao trono um novo rei.
2. Em que medida eles serviram como sacerdotes, nós não sabemos, dado que David não era um levita e, assim, não era da tribo sacerdotal.
3. Veja Roy Gane, *Altar Call*, Berrien Springs, Mich.: Diadem, 1999, cap. 19. A adoração de Deus não deveria ser associada, nem sequer ligeiramente, com a veneração ou a adoração dos mortos, algo que era muito comum nas culturas circunvizinhas de Israel.

Michael Belina Czechowski

– herói ou rebelde?



1 PARTE

Inicialmente, a denominação que se autodesignava pelo nome Cristãos Adventistas prestou-lhe apoio, desconhecendo que ele usava os seus fundos para proclamar a doutrina dos Adventistas do Sétimo Dia.

Em 1856, as reuniões evangélicas realizadas numa tenda em Perry' Mills, Nova Iorque, por James White, atraíram a atenção de Michael Czechowski. Tendo sido batizado no ano seguinte em Findlay, Ohio, este ex-sacerdote e ex-revolucionário começou uma longa carreira como pregador, um pregador que a sua Igreja apoiava, por vezes, com relutância. Os historiadores estão divididos quanto ao significado da sua vida. Foi Czechowski um rebelde obstinado ou um herói nacional polaco que era também Adventista do Sétimo Dia?

Um sacerdote irrequieto

Nascido na Polónia em setembro de 1818, Czechowski recebeu, até 1835, a sua educação na importante cidade de Cracóvia. Quando um eloquente sermão pregado por

um sacerdote Franciscano o levou a decidir que queria trabalhar para a Igreja Católica, ele entrou para o Mosteiro Franciscano de Stopnica. Este seria o primeiro mosteiro, entre outros, onde ele estudaria. Mas, pouco tempo depois de ter sido ordenado sacerdote em Varsóvia, a capital da Polónia, ele convenceu-se de que aquilo que tinha suposto ser verdadeira devoção por parte do Clero era, na verdade, pura hipocrisia. Czechowski envolveu-se então em movimentos de reforma nacional, escapando por pouco à detenção por parte das autoridades russas que ocupavam aquela parte da Polónia.

Em outubro de 1843, decidiu visitar Roma para apresentar uma queixa sobre a corrupção do Clero. Tendo chegado em outubro de

1844, pouco pôde fazer na sua audiência com o Papa Gregório XVI. Ao viajar para Paris, descobriu que o clero francês não era diferente do clero polaco. Os seus repetidos desapontamentos com as pessoas à sua volta ajudaram a confirmar nele a sua adesão à orientação de Deus recebida através da Bíblia. A sua promoção zelosa da integridade social, as suas classes de estudo da Bíblia, a sua adesão à reforma da temperança e a sua criação de grupos de assistência social dificilmente poderiam agradar àqueles cujas práticas egoístas ele perturbava continuamente. Depois de ter prosseguido por um ano a promoção de tais reformas, foi preso devido às suas atividades políticas.

Uma vez libertado, viajou para Londres, onde encontrou a segurança da companhia de alguns amigos. Mas, passados alguns meses, já tinha regressado a Paris para trabalhar em favor dos emigrantes



polacos. Ele voltou a envolver-se em atividades políticas, enquanto os seus compatriotas na Polónia sofriam sob o controlo da Rússia, da Prússia e da Áustria, as potências que tinham dividido a Polónia entre si. O sacerdote irreprimível organizou um exército de libertação para libertar a Polónia, mas, tal como ocorreu com outros esforços nacionalistas polacos deste período, a revolta organizada por Czechowski foi um grande falhanço. Ele regressou a Paris e continuou a laborar até julho de 1849, quando as autoridades religiosas o expulsaram por perturbar a paz.

Mudança de votos

Durante os 15 meses seguintes, Czechowski trocou o voto de celibato pelos votos matrimoniais. Em setembro de 1850 abandonou o sacerdócio e em outubro casou-se com Marie Virgínia Delavouet. Ele mudou-se para Londres para escapar à perseguição e, depois, mudou-se com a sua esposa para Nova Iorque, tendo aí chegado em 1851. Viveria e trabalharia na América do Norte durante os próximos 13 anos. Tendo apenas quatro dólares na mão, procurou trabalho, descobrindo três dias depois da sua chegada uma vaga como fabricante de tijolos em Nova Jersey. O trabalho pesado e intenso foi de mais para ele. Amigos emprestaram-lhe dinheiro suficiente para que viajasse até Montreal, Canadá, onde encontrou um trabalho como encadernador de livros, arte que conhecia. Em três meses, montou

uma loja para si mesmo, mas, em 1852, um incêndio destruiu aquela parte da cidade. Então, a Sociedade Missionária Batista convidou-o para trabalhar entre os Canadianos de língua francesa no Condado de Clinton, no Norte do Estado de Nova Iorque. Eles estavam orgulhosos por contar com este homem educado, que falava sete línguas e pregava com um zelo infatigável. O seu trabalho foi bastante bem-sucedido, tendo convertido muitas almas provenientes da religião Católica, a antiga religião do próprio Czechowski, e tendo mudado o Condado de Clinton para melhor.

Novos votos

Mas havia mais para Czechowski fazer do que apenas ajudar os Batistas no Condado de Clinton, o que ele descobriu quando James White chegou à sua cidade. A sua constante sede de verdade levou Czechowski a aceitar a mensagem do Evangelho para o seu tempo e a tornar-se parte da Igreja remanescente de Deus. Ele regozijou-se ao receber as novas de que Jesus em breve voltaria e converteu-se à fé Adventista do Sétimo Dia. Pouco tempo depois, foi batizado em Findlay, Ohio, para onde se tinha mudado. Partiu então para Battle Creek, Michigan, sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tendo-se estabelecido de novo como encadernador de livros, conheceu James e Ellen White, que lhe deram as boas-vindas a Battle Creek, impressionados com a sua personalidade e a sua espiritualidade. Eles nunca tinham visto

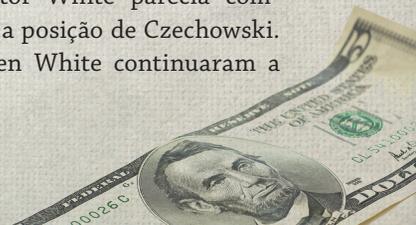
um novo converso ao Adventismo como ele. Eles concordaram em financiar Czechowski, de modo a que ele empreendesse uma viagem missionária de regresso ao Norte do Estado de Nova Iorque para pregar a verdade presente aos seus antigos amigos.

Czechowski ainda tinha assuntos a resolver no Condado de Clinton. Ele ainda devia dinheiro aos seus antigos patrocinadores, os Batistas. De facto, ele ainda devia 50 dólares por causa de uma casa e de um lote de terreno que tinha comprado. James e Ellen White deram-lhe, cada um, 5 dólares e outros membros de Igreja ajudaram-no a pagar a dívida.

No Norte do Estado de Nova Iorque, Czechowski trabalhou com muito sucesso entre os falantes do francês. James White deu testemunho do valor de Czechowski, ao escrever que “a providência colocou-o junto de nós”.¹ Juntamente com outro pastor que falava francês, Czechowski pôde organizar uma Associação com os novos conversos, mas, subitamente, decidiu partir para a cidade de Nova Iorque para trabalhar entre os vários grupos étnicos ali existentes. Ele explicou que não era lavrador, tinha terminado a sua missão no Norte do Estado de Nova Iorque e não conseguia sustentar a sua família ali.

Czechowski continua em movimento

O pastor White parecia compreender a posição de Czechowski. Ele e Ellen White continuaram a





ajudar o polaco e a sua família com dinheiro. No entanto, as coisas mudaram quando, no dia 3 de agosto de 1861, foi mostrado a Ellen, em visão, o erro da tomada de decisão de Czechowski. Segundo Ellen White, ele não tinha procurado aconselhamento para tomar a sua decisão e tinha seguido apenas o seu próprio juízo. Mas Czechowski prosseguiu, organizando pequenos grupos de Polacos, Franceses, Alemães, Suecos e Ingleses em congregações a que ele chamava igrejas. James White aconselhou-o a regressar ao seu antigo posto e a trabalhar em Vermont e no Norte do Estado de Nova Iorque, até que se pudesse montar um sistema de trabalho mais organizado na cidade de Nova Iorque. Estava a tornar-se claro que, apesar das suas boas características, era difícil lidar com Czechowski. No entanto, ele realmente mudou-se para Vermont, onde o pastor D. T. Bordeau encontrou uma casa para ele. Enquanto ministrava ali, escreveu a sua autobiografia, com a esperança de que a sua publicação lhe trouxesse algum dinheiro. Mas tal não foi o caso. Tendo alienado o apoio da Igreja devido à sua incapacidade de gerir

bem o seu dinheiro e de escutar os conselhos dos seus irmãos de fé, Czechowski partiu para a Europa a 14 de maio de 1864, para realizar o seu grande desejo de levar a sua nova fé aos seus conterrâneos europeus. Ele iria trabalhar na Europa durante os 12 anos seguintes. Inicialmente, os Cristãos Adventistas apoiaram-no, sem terem consciência de que ele usava os seus fundos para proclamar a doutrina dos Adventistas do Sétimo Dia.

Ele começou o trabalho em Itália, depois mudou-se para a Suíça, onde, a 7 de fevereiro de 1866, batizou nas águas geladas do Lago de Neuchatel os primeiros dois convertidos Europeus ao Adventismo do Sétimo Dia. Em junho, Czechowski declarava que havia já sete evangelistas que apoiavam a sua Missão Europeia. Mas o seu grande sucesso, e a razão da sua desgraça, ocorreria em Tramelan, o local onde foi organizada a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa.

Albert Vuilleumier, que tinha assistido a algumas das primeiras palestras de Czechowski, descobriu um exemplar da revista *Review and Herald* no quarto dele, anotou

o endereço da revista e escreveu a Uriah Smith, o seu editor. Os líderes da Igreja na América ficaram espantados ao descobrirem que havia Adventistas do Sétimo Dia na Europa. Do mesmo modo, Vuilleumier e a sua igreja francesa ficaram espantados pelo facto de existirem outros Adventistas do Sétimo Dia na América. Embora Czechowski lhes tivesse levado a verdade, eles nunca poderiam voltar a confiar no homem que lhes tinha mantido secreta a existência da sua denominação. Pouco tempo depois, os Cristãos do Advento souberam que Czechowski estava a pregar a doutrina dos Adventistas do Sétimo Dia e puseram fim ao apoio que lhe tinham prestado até então. Por causa destes eventos, ou talvez movido por outras razões que desconhecemos, este homem singular decidiu continuar a sua história enigmática viajando para a Hungria em 1869.

[Continua no próximo mês.]

• **Nathan Gordon Thomas**
Professor de História

1. James White, *Review and Herald*, 30 de dezembro de 1858.

28 DE JUNHO
A 31 DE JULHO

Colportagem Jovem

INTEGRAR 1 EQUIPA DINÂMICA

CRESCER NA FÉ

FINANCIAR OS ESTUDOS

SERVIR A COMUNIDADE

21 962 62 22

publicacoes@adventistas.org.pt

